

LIVRO: A FOTOGRAFIA E EU

AUTOR: ANTONIO CARLOS TÓRTORO

ÍNDICE

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

CURRÍCULO FOTOGRÁFICO DO AUTOR

1. A ARTE DE DAGUERRE
2. ABERTURA DE BIENAS NACIONAIS
3. ARTEFOTOPLÁSTICA
4. BANDO DE LOUCOS POR FOTOGRAFIA
5. BEM NA FITA
6. CADA CABEÇA UMA SENTENÇA
7. CARNAVAL DE RIBEIRÃO PRETO: NOSSA NOVA PAIXÃO
8. CARNAVAL NUM RIO
9. CARNAVAL NOVO TEMPO
10. CARTA AOS FOTÓGRAFOS RECÉM-FORMADOS
11. COMUNHÃO ENTRE MENTE E OLHAR
12. CRÉDITO: CERTIDÃO DE NASCIMENTO DA FOTOGRAFIA
13. CULTURA DA CRUELDADE: TOURADAS E CALVÁRIO
14. DAY AFTER
15. DESCOBRINDO MINHA AKBAR
16. DO INFERNO AO CÉU NAS RUÍNAS DA CIANÊ.
17. DO PEDRO II AO GÓLGOTA
18. É NATAL NO GRUPO AMIGOS
19. ELZA FOTOGRAFIA ROSSATO
20. ESPAÇO KAISER: NOSSA HOLLYWOOD?
21. ESTAÇÃO FOTOGRAFIA: FUTURA SEDE DO GAF.
22. FAZENDA VASSOURAL
23. EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: FERRO, GENTE E LIVROS
24. GATA COR-DE-ROSA
25. GRUPO AMIGOS DA FOTOGRAFIA NA NOIVA DA COLINA
26. LÁPIS DE COR
27. LATA MÁGICA
28. MAPA CULTURAL PAULISTA: UMA PIADA ESTADUAL
29. MINHA CATARATA DUPLA
30. MUDANDO E MARCANDO
31. MULHERES E FOTOGRAFIA
32. NÃO CRITIQUE, FAÇA.
33. O QUINTAL DE URUNMILÁ

34. PHOTOS – PREFÁCIO PASSADO MANDA LEMBRANÇA I
35. PREFÁCIO PIACEVOLEZZA
36. PREFÁCIO PASSADO MANDA LEMBRANÇA II
37. PRESDÉPIO VIVO
38. QUERO SER FOTÓGRAFO: MAS SÓ SE FOR SOTEROPOLITANO
39. UMA CAIXA DE ARCO-ÍRIS
40. UMA ESCOLHA QUE NÃO É DE SOFIA
41. WABI SABI E A FOTOGRAFIA
42. PREFÁCIO : O PASSADO MANDA LEMBRANÇA IV
43. FOTO ANALÓGICA: UMA ARTE EM EXTINÇÃO?
44. ROD: HOMENAGEM PÓSTUMA AO MEU FOTÓGRAFO PREFERIDO
45. PREFÁCIO: O PASSADO MANDA LEMBRANÇA III

1. APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Minha introdução à arte fotográfica foi realizada com o Mestre Toni Miyasaka , nos idos de 1990.

Mas o interesse maior pela mágica arte ocorreu somente quando conheci Elza Rossato, nas reuniões do Conselho Municipal da Cultura de Ribeirão Preto.

Elza mostrava-me as fotos e eu, poeta e escritor, ex-presidente da Academia Ribeirãoopretana de Letras — naquela época — manifestava a ela meu desejo de escrever poemas para suas iluminadas criações: elas me inspiravam de forma inexplicável.

No início de 2000, alguns fotógrafos do Grupo me permitiram expor poemas, juntamente com suas fotos , nas exposições do GAF.

Essa ideia de unir as duas artes, acabou dando origem a um primeiro livro de fotos/poemas, “Arquitetura do Passado” , e , depois , a mais quatro volumes de “O Passado Manda Lembrança” — no volume dois já participei, também , como fotógrafo ; além de Piacevolezza — Uma história fotográfica do antigo colégio Santa Úrsula.

Hoje , como Diretor para Projetos Culturais do GAF, tenho a oportunidade de conviver com profissionais incrivelmente competentes do mundo fotográfico ribeirãoopretano, e deles absorvo o que de melhor possuem, a fim de aprimorar essa mística e fantástica arte de Daguerre.

Maiores informações:

www.tortoro.com.br

ancartor@yahoo.com

CURRÍCULO FOTOGRÁFICO DO AUTOR

1. Diretor para projetos Culturais do **Grupo Amigos da Fotografia** e Professor de Fotografia.
2. Participação no Curso “A nova estética da fotografia digital em books e casamentos” - com **Joel Reichert**.
3. Participação na **9ª. SEMANA DE FOTOGRAFIA DE RIBEIRÃO PRETO** – 2006 - com a exposição (individual) de suas fotos : **ATRÁS DABANDA ...** – no Espaço Cultural Débora Duboc.
4. Exposição (individual) **ATRÁS DABANDA ...** – no Theatro Pedro II - 2006
5. Exposição (individual) **ATRÁS DABANDA ...** – Espaço Cultural Santa Elisa – 2006.
6. Exposição **Coletiva de Final de Ano 2006** – no Novo Shopping.
8. **FUNDADOR DO ABERTURA FOTOVIDEOCLUBE DE RIBEIRÃO PRETO** – novembro de 2006 – filiado à Confederação Brasileira de Fotografia.
9. Exposição (individual) **AQUÁRIO : NEXOS E REFLEXOS** – no Clube de Regatas Ribeirão Preto – 2006 – inaugurando Galeria Fotográfica.
10. Exposição (coletiva) **CRIANÇAS** – no Mural Cultural do Novo Shopping de Rib. Preto - 2006
11. Exposição (coletiva) – “**OS FOLIÕES DE RIBEIRÃO PRETO** “ – no Novo Shopping Ribeirão Preto.
12. Exposição (coletiva) - **CARNAVAL 2007 – ALEGRIA DE TODOS “** – no Palácio Rio Branco.
13. Exposição (individual) – **UM TOQUE DE COR NO PB”** – no Mural Cultural do Novo Shopping de Ribeirão Preto.
14. Exposição (coletiva) – **VERDADEIRAMENTE PB”** – na Casa da Cidadania – Espaço Cultural Movimento do Bem.
15. Exposição (coletiva) - **CARNAVAL 2007 – ALEGRIA DE TODOS “** – no Museu do Café.
16. Exposição (individual) – **UM OLHAR FRAGMENTADO** – na sede do SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO – junho/2007.
17. Membro da Comissão Julgadora do **CONCURSO EXPOIMAGEM DE FOTOGRAFIA – 2007**.
18. Exposição (coletiva) – **ÁGUA** – no Novo Shopping de Ribeirão Preto – setembro/2007.
19. Foto selecionada e exposta no **43º. SALÃO JAUENSE INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA** - agosto / 2007.

20. Exposição(coletiva) - **FLORES** – No Novo Shopping Rib. Preto - set/2007
21. Exposição (coletiva) - **ARQUITETURA FRANCESA EM RIBEIRÃO PRETO** - no Palace Hotel , durante a 7ª. FEIRA NACIONAL DO LIVRO – setembro/2007.
22. **Curador da exposição SALTOS** , de Lu Degobbi , no Clube de Regatas Ribeirão Preto - outubro / 2007.
23. Exposição (coletiva) - **BEIJOS DE LUZ** – no Novo Shopping Rib. Preto - outubro / 2007.
24. Curador da exposição de Lu Degobbi, - **BALE NO FUTEBOL DE RUA** - Janeiro /2007.
25. Exposição (coletiva) – **ARQUITETURA FRANCESA EM RIBEIRÃO PRETO** – no Museu do Café – nov / 2007.
26. Exposição (coletiva) – **CAPOEIRA** – em homenagem ao mês da Consciência Negra – no Supermercado Savegnago da Pio XII.
27. Exposição (coletiva) - **ARQUITETURA FRANCESA EM RIBEIRÃO PRETO** - no Theatro Pedro II – no Auditório Meira Júnior – nov / 2007.
28. Exposição (individual) – **ARTEFOTOPLÁSTICA** – em homenagem à artista plástica Odilla Mestriner – no Centro de Idiomas da Wizard – Av. Antônio Diederichse , 655 - dez / 2007 .
29. Foto selecionada e exposta no **4º. SALÃO DE FOTOGRAFIAS DE VOTORANTIM - TEMA : BRASIL-AFRO** - nov / 2007.
30. Exposição (coletiva) – **NOSSA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO** – no Poupa-Tempo de Rib. Preto – Dez / 2007.
31. Exposição (coletiva) - **ARQUITETURA FRANCESA EM RIBEIRÃO PRETO** - no Novo Shopping – de 26/12/07 a 04/01/08.
32. **RETROSPECTIVA 2007 DO GAF** – (coletiva) – no Novo Shopping – de 26/12/07 a 04/01/08.
33. Exposição (coletiva) – **RETROSPECTIVA 2007 DO GAF** – paralela ao II SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA – na Casa da Cultura – MIS – jan/08
34. Exposição (individual) – **TOQUE DE COR NO PB** – no Auditório Meira Junior – Teatho Pedro II – Dez / 07.
35. **ORGANIZADOR DO II SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA** – na Casa da Cultura – Jan /08.
36. Exposição (coletiva) em **HOMENAGEM AOS AFRODESCENDENTES** – paralela ao II SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA. - Jan / 08.
37. Exposição (coletiva) - **CARNAVAL 2008 – ASAS DA LIBERDADE** – Palácio Rio Branco – fev / 2008.
38. Exposição (coletiva) - **CARNAVAL 2008 – ASAS DA LIBERDADE** – na Casa da Cultura – fev / 2008.

39. Exposição (coletiva) - **TRILHA DO CALVÁRIO** – no MIS – Casa da Cultura – 3 a 22 de março de 2008.
40. Participação no volume II do livro **O PASSADO MANDA LEMBRANÇA** – lançado em 2008 , na 8ª. Feira Nacional do Livro de Rib. Preto.
41. Exposição (coletiva) - **O PASSADO MANDA LEMBRANÇA- VOL II** – no MIS – de 1º. a 30 de junho de 2008.
42. Exposição (coletiva)- **UM OLHAR SOBRE RIBEIRÃO** – no Poupatempo – Novo Shopping – de 9 a 29 de junho/ 08 .
43. Exposição (coletiva) - **O PASSADO MANDA LEMBRANÇA – VOL II** – no Carrefour – Semana de Aniv. De Rib. Preto – 152 anos – junho/ 08
44. Participação na **XXV BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA EM PRETO E BRANCO** – Blumenau – Santa Catarina – junho / 08.
45. Participação no **44º. SALÃO JAUENSE INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA** – Ago / 2008.
46. Exposição (coletiva) – **BOSSA NOVA –LETRA E FOTO** – no Café Cultural do STB – agosto/ 2008.
47. Exposição (individual) – **SHOWZO MISHIMA : UM MESTRE NO ANCHIETA** – na FECCAN- 2008 – out/2008.
48. Exposição (coletiva) –**TUNEL DO TEMPO – 100 ANOS DE CASAS PERNAMBUCANAS** – no varal da Praça XV de Novembro – 16/11/2008.
49. **Curador** da exposição **MULHERÁGUA** , de Lu Degobbi , no Clube de Regatas – dez / 2008.
50. Exposição (individual) - **DUENDES** – no Clube de regatas – 18/1 a 8/2 de 2009.
51. Exposição (coletiva) – **CARNAVAL NOVO TEMPO** – NO Palácio Rio Branco – fev/ 2009.
52. Exposição (coletiva) – **CARNAVAL – NOVO TEMPO**- no mezanino do MIS – Casa da Cultura – 03/2009.
53. **Curador** da exposição **SELINHOS** – de Lu Degobbi – no MIS – abr/ 2009.
54. **Curador** da exposição **FAMÍLIA JERÊ** – de Rod Tórtoro – no Clube de Regatas – abr/ 2009.
55. Exposição (individual) - **SHOWZO MISHIMA : UM MESTRE NO ANCHIETA** – abrindo o novo ESPAÇO CULTURAL DO COLÉGIO ANCHIETA- MAR/2009.
56. Exposição (coletiva) - **CARNAVAL NOVO TEMPO** – no ESPAÇO CULTURAL DO COLÉGIO ANCHIETA – abr/2009.
57. Participou da Comissão Organizadora, e como fotógrafo, da **I BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA NATUREZA EM CORES** – realizada em Ribeirão Preto – GAF – 6/junho/2009.

58. Participou da Comissão Organizadora, e como fotógrafo, da **XVI BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA EM CORES** – realizada em Ribeirão Preto – GAF – 6/junho/2009.
59. Exposição (individual) “**SHOWZO MISHIMA** “ no restaurante do Clube de Regatas – junho / 2009
60. Participação na fase municipal do Mapa **MAPA CULTURAL PAULISTA** 2009/2010.
61. Exposição (coletiva – Lu e Tórtoro) na Bauhaus – III JORNADA DE FOTOGRAFIA DE RIB. PRETO – **BOXE FEMININO : QUATRO OLHARES** – julho/09.
- 62.Exposição (coletiva – Lu e Tórtoro) no Clube de Regatas ; **BOXE FEMININO NA ACADEMIA BRUNO GALATI** , PxB – Agosto /2009.
63. Exposição (coletiva – Lu, Rod e Tórtoro) no Cartório de Registro, rua Paraíba – REGATAS : TRÊS OLHARES DO GRUPO AMIGOS – 17/8 a 10/09.
64. Recebeu certificado “ EVIDÊNCIA DE QUALIDADE – 2009 “ representado o Grupo Amigos da Fotografia.
65. Eleito Conselheiro biênio 2009/2010 no CONSELHO MUNICIPAL DA CULTURA DE RIB. PRETO – Área de Fotografia.
66. Exposição (coletiva – Lu e Tórtoro) – “ **LUVAS & CORES** “ (tiradas na Triathlon) , no Clube de Regatas – set / out de 2009.
- 67.Curador da exposição **BBBs do REGATAS** , de Lu Degobbi,no Clube de Regatas – out/ 2009.
- 68.Exposição ‘ **SHOWZO MISHIMA**” na retrospectiva 2009 do Grupo Amigos da Fotografia – no Novo Shopping – (junto com a exposição dos 30 anos do Colégio Anchieta) – Nov/dez 2009.
- 69.Curador da exposição “ **30 ANOS DE BOA EDUCAÇÃO**” , no Novo Shopping – Nov/dez-2009.
70. Participação , com fotos (ilustrando poemas) da antologia “**AVE, PALAVRA !** “ de Ely Vиейtez Lisboa , lançada na Sala dos Espelhos do Theatro Pedro II.
- 71.Exposição (coletiva) “ **ARTISTAS DA LUZ** “ , na esplanada do Theatro Pedro II – DIA NACIONAL DA FOTOGRAFIA - Janeiro / 2010.
72. Exposição (coletiva) “**PROFISSÃO MULHER**” - na esplanada do Theatro Pedro II , no DIA INTERNACIONAL DA MULHER – 8 / março / 2010.
73. Exposição (coletiva) “ **CARNAVAL ; NOSSA NOVA PAIXÃO** “ no Palácio Rio Branco – Prefeitura Mun. De Ribeirão Preto – 1ª. quinzena de março de 2010.
74. Exposição (coletiva) “ **CARNAVAL ; NOSSA NOVA PAIXÃO** “ no Palácio MIS- Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto – 2ª. quinzena de março de 2010.
75. Exposição (coletiva – Lu e Tor) “**CARNAVAL DE RUA 2010**” no Clube de Regatas – abril / 2010.

76. Participação na **“XXVI BIENAL BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRÁFICA** - em PxB – Caxias do Sul – RS – maio/2010
77. Exposição (coletiva) – **“O PASSADO MANDA LEMBRANÇA III “** – no Palace Hotel – na 10ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto – jun/2010.
78. Exposição (coletiva – Lu e Tor) – **“LUVAS E CORES “** – na Sede do Triathlon – ago / 2010.
79. Exposição (coletiva) – **“172o. ANIVERSÁRIO DA FOTOGRAFIA “** – na esplanada do Theatro Pedro II – ago/2010
80. Participou da Comissão Organizadora do **II SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA DE RIBEIRÃO PRETO** – ago 2010.
81. Exposição (coletiva – Lu, Tor e Rod) – **“CRIANÇA...”** – no Clube de Regatas – out / 2010.
82. Exposição (coletiva) – **“ESCRITORES COM LUZ”** – no Clube de Regatas – 12/11 a 10/12 de 2010.
83. Exposição (coletiva) – **“ESCRITORES COM CORES”** – no Clube de Regatas – 10/12/2010 a 14/01/2011.
84. Prêmio **“CLICK NATAL LUZ” – 2010** – da ACIRP – dezembro -2010.
85. Exposição (coletiva) **CARNAVAL 2011** – NO Palácio Rio Branco – março /2011 – com 11 fotos.
86. Exposição (coletiva) **CARNAVAL 2011** – no MIS-Museu da Imagem e do Som – DCE 11/3 a 12/4 de 2011.
87. Exposição (coletiva) – **“DIA INTERNACIONAL DA MULHER”** – PxB - Esplanada do Pedro II – 12/3/11.
88. Participação no **XVII BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA EM CORES** – Londrina-PR – maio/2011
89. Participação no **MAPA CULTURAL 2011-** junho / 2011.
90. Participação no **47º. SALÃO DE JAÚ** – agosto/2011.
91. Participação no **1º. SALÃO NACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO CAETANO DO SUL** – julho/2011.
92. Exposição (coletiva) – **“TEORIA DAS CORES “** no Shopping Santa Úrsula – agosto/2011.
93. Exposição (coletiva Lu e Tor) – **“DIA DOS PAIS”** no Clube de Regatas – agosto / 2011.
94. Exposição (coletiva) **“ CAÇADORES DE IMAGENS NO REGATAS”** – com alunos do GAF – 78 anos do Regatas – setembro / 2011.
95. Exposição (coletiva) – **“QUANDO SETEMBRO CHEGAR”** – Tema : Flores – no Shopping Santa Úrsula – setembro / 2011.

96. Participação na **COMISSÃO ORGANIZADORA DA II BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA “NATUREZA EM CORES “ DE RIBEIRÃO PRETO** – Set/2011 – no Ribeirão Shopping.
97. Exposição (coletiva) **PARALELA à II BIENAL ARTE DE FOTOGRAFAR** no Shopping Santa Úrsula – Set/ 2011.
98. Exposição (coletiva) – “ **LONDRINA NO REGATAS**” – no Clube de Regatas – out/2011 – Fotos da **BIENAL DE LONDRINA /2010** – as de fotógrafos do GAF.
99. Exposição (individual) – “**ALEGRIA, ALEGRIA...NA PASSARELA DO REGATAS** “ – Carnaval Infantil no Clube de Regatas – fev/2012.
100. Participação na **XXVII BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA** em preto e branco – São José do Rio Preto-SP – abril/2012.
101. Exposição (coletiva) – **FOTOS DA BIENAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO** – no Shopping Ribeirão – Maio/2012.
102. Exposição (coletiva) –“ **TRABALHADOR** “ – NO Poupa Tempo –Ribeirão Preto- Abril/2012.
103. Exposição (coletiva) – “**PRETO E BRANCO NA VISÃO DOS AMIGOS** “ – Shopping Santa Úrsula – Junho/2012.
104. Exposição (coletiva Lu e Tor) – “ **FALCÃO NO REGATAS**” – no Clube de Regatas – Junho//jul/2012.
105. Exposição (coletiva Lu e Tor) – “ **CATRAIAS DO REGATAS**” – no Clube de Regatas – Setembro/2012.
106. Exposição (coletiva Lu , Rod e Tor) – “**RETROSPECTIVA – 5 ANOS DE FOTOGRAFIA NO REGATAS**” – Out/ 2012.
107. Exposição (coletiva Lu e Tor) – “**UMA BANDA QUE SAIU DO CASULO**” – Banda do Colégio Marista no regatas- Jan/ 2013.
108. Participação na **ORGANIZAÇÃO DO 4º. SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE RIBEIRÃO PRETO -PXB** “ – Jan/ 2013.
109. Exposição (coletiva do GAF) – “ **PÁSSAROS LIVRES**” – no Centro Cultural Palace – Jan/ 2013.
110. Exposição (coletiva Lu e Tor) – “**MAGIA E GRAÇA**” – Carnaval Infantil do regatas – 2013 – 16/2 a 17/3 de 2013.

111. Exposição (coletiva Lu e Tor) - "**CALENDÁRIO CULTURAL DE RIBEIRAO PRETO – 2013**" – na Casa da Cultura – 17 a 21 de junho de 2013.
112. Exposição (coletiva do GAF) – "**COLETÂNEA DO GRUPO AMIGOS**" – no Clube de Regatas – de 15/6 a 14/7 de 2013.
113. Curador da exposição "**MADONAS REGATEIRAS**", de Lu Degobbi, no Dia das Mães do Regatas – de 04/05 a 02/06/2013.
114. Exposição (coletiva) – "**Desenhando com luz**" – no MIS – Casa da Cultura – Abertura da 16ª. Semana de Fotografia – 2013 – 14/09/13
115. Exposição (coletiva Lu e Tor) – "**Ferro, gente @ livros**" – no Centro Cultural Palace – set/out/13.
116. Exposição (coletiva) – "**Olhar amigo**" – **83 anos do Pedro II** – na sala dos espelhos do Theatro Pedro II – out/13.
117. Diretor/Produtor da capa da **Revista Ponto & Vírgula** de ago/13.
118. Diretor/Produtor da capa da **Revista Ponto & Vírgula** de set/13.
119. Exposição (coletiva Lu e Tor) – "**Rosas**" – no Clube de Regatas – sobre Escola de Samba Rosas de Ouro – nov/13.
120. Exposição (individual) – "**Sonhos e Fantasias**" – no Clube de Regatas – Tema: Carnaval Infantil – mar/14.
121. Exposição (coletiva Lu e Tor) – "**Musas**" – no Clube de Regatas – ago/set/14.
122. Exposição (coletiva) – (Lu e Tor) – "**Ferro, gente @ livros**" – no Clube de Regatas – jan/fev/14.
123. Exposição (individual) – "**Les bleus**" – no Colégio Anchieta – Fotos da Gincana Cultural out/14.
124. Exposição (coletiva Lu e Tor) – no Centro Cultural Palace – 17ª. Semana da Fotografia – set/14.
125. Exposição (coletiva Lu e Tor) - "**Coletânea 2014**" – no restaurante do Clube de Regatas . Jul/ago/14.
126. Exposição (individual) - -"**Les bleus**" - no Clube de Regatas . jan/15.
127. Exposição (individual) – "**Carnabricando**" – Fantasias Infantis – Clube de Regatas – mar/15.
128. Exposição (individual) – "**Máscaras- espelhos d'alma**" – no Centro Cultural Palace – ago/15.
129. Exposição (individual) – "**Máscaras- espelhos d'alma**" – no Clube de Regatas – set/15.

130. Participação na XIX Bienal em Cores – Ribeirão Preto – Bauhaus – set/15.
131. Exposição (individual) – **“Máscaras – espelhos d’alma”** no Colégio Anchieta. – Out/15.
132. Participou do 1º. Concurso dos Amigos da Fotografia, de 20 a 30 de setembro de 2017.
133. Exposição (coletiva Ror e Tor) – **“Minifoliões Regateiros”** – no Clube de Regatas – out/18.
134. Exposição (coletiva Lu, Ror e Tor) – **“Relembanças”** – no Clube de Regatas – jan/fev/ 18.
135. **Jurado no V SALÃO MONOCROMÁTICO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE RIBEIRÃO PRETO** – dez/17.
136. Participou do **7º. Encontro de Fotógrafos** e vídeos de Ribeirão Preto e região – nov/17.
137. **Jurado no I Salão Nacional de Arte Fotográfica da Ordem dos Velhos Jornalistas de Ribeirão Preto** – ago/17.
138. Participou da **XXIX Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco, da Confoto-**Confederação Brasileira de Fotografia, organizada pelo GAF- Grupo Amigos da fotografia de Ribeirão Preto, no Espaço Cultural Palace – jul/16
139. Curador da exposição **“Natumanus”** de Rod Tórtoro – no Clube de Regatas – jul/16.
140. Curador da exposição fotográfica **NATUMANUS**, de Rod Tórtoro, em mostra paralela à XXIX Bienal de Arte Fotográfica em Preto e Branco de Ribeirão Preto – Centro Cultural Palace- jun/jul/16.
141. Curador da exposição **“Jabuticabas : pérolas negras do Regatas”** de Lu Degobbi – nov/ 2017.
142. **Jurado no II Salão Nacional de Arte Fotográfica “Rod Tórtoro” de Ribeirão Preto** – set/18.
143. Prêmio de 1º. lugar no **II Salão Nacional de Arte Fotográfica “Rod Tórtoro” de Ribeirão Preto – Categoria Amigos da Fotografia – PxB . set/18.**

A ARTE DE DAGUERRE

“Atrás da câmara, deve estar um temperamento verdadeiramente artístico, de apurado senso estético, que consiga transmitir suas emoções num simples retângulo, onde tudo terá de ser dito entre o branco e o preto, de uma forma pessoal e inconfundível, original e sintética”.

Jacob Polacow - FCCB

Nos primeiros dias do verão de 2006, durante uma breve pausa dos temporais que cobriram a região nos últimos dias, um pedacinho de Ribeirão Preto transformou-se em Mata Atlântica: a sede do Grupo Amigos da Fotografia.

Fruto de um trabalho que durou pelo menos dois dias, Elza e João Rossato prepararam o quintal da arborizada residência para um momento fotográfico que marcou o encerramento dos trabalhos do Grupo no ano que já se despedia, entre os dias que dividem Natal e Ano Novo.

A piscina transformou-se em lagoa com direito a uma cachoeira, tendo ao seu redor muita areia, pedras e vegetação constituindo o conjunto uma pequena praia, iluminada, a partir das vinte horas, por uma rústica fogueira, fundamental para atingirmos os objetivos do ensaio da noite.

Com a esguia modelo Poliane Mendonça já à disposição, os fotógrafos Elza e João Rossato, Sônia Franco, Losé, Con Vieira, Luis Fernando Gaya, Lucia e AC Tórtoro iniciaram a saraivada de silenciosos mas certos cliques, sob os efeitos especiais produzidos pelo presidente do GAF, João Rossato, e contando com a presença do jovem fotógrafo Rafael Sassoli, do site Agita 10, que visitava o Grupo pela primeira vez: somente São Pedro, vez ou outra, usava, esporadicamente, seus fleches.

Por mais de três horas, um grupo de pessoas irmanadas e identificadas pelo mesmo ideal, desfilaram comentários sobre a atuação e desempenho da modelo, fizeram sugestões e propostas de posições a serem expostas e fotografadas, riram, brincaram, olharam as fotos obtidas via tela das digitais, e imaginaram o que esconderiam os rolos de fotos das máquinas mais tradicionais.

Nos intervalos entre as séries de fotos, reorganizavam-se as gelatinas, os filtros, acomodavam-se os tripés, conferia-se o líquido da máquina de fumaça, enquanto tomava-se um refrigerante.

Mas a tudo permeava magia: a mágica da arte fotográfica, a caçula das artes plásticas.

É importante frisar que as dependências dos estúdios do Grupo, mais se parecem com aqueles laboratórios intrigantes, às vezes até sinistros, de antigos alquimistas — devido à presença de instrumentos muito antigos e de uso desconhecido para os leigos. Por sua vez, os resultados das mágicas e surpreendentes revelações à base de pura química dos agentes reveladores,

lembram a Escola Hogwarts de magia e bruxaria, e todos os feiticeiros de Magia Branca dos livros de Harry Potter.

E a mágica continuou depois, na casa de cada um dos fotógrafos, à frente do computador e do Photoshop: um outro mundo infinito de possibilidades de cores, contrastes, luzes, nitidez, efeitos especiais, máscaras, filtros, distorções, mesclagens, cujos resultados foram discutidos como consequência das múltiplas imagens trocadas entre os Amigos da Fotografia, via e-mail, em jpg: nada melhor para manter sólida as relações de amizade e fazer novos amigos.

É importante também destacar, utilizando trecho de um artigo de Jacob Polacow, do Foto Cine Clube Bandeirante: “Se considerarmos que a Arte é representada pela trilogia BELEZA, VERDADE e RAZÃO, reconheceremos que a fotografia artística possui o mérito inicial de conduzir o espectador diretamente ao tema, de um modo cômodo, não lhe exigindo um estágio cultural preparatório ou elucubrações cerebrais de penetração e pesquisa. Alie-se essa propriedade à circunstância de contar a Arte Fotográfica com possibilidades expressivas e interpretativas, por assim dizer, interditas a outros ramos artísticos, especialmente no setor das cenas de gênero, realistas, ricas de movimento, que somente a rapidez centesimal do segundo pode fixar e perpetuar – e só há que concluir pelo seu tremendo potencial de influencia sobre o público”.

ABERTURA DE BIENAS NACIONAIS DE FOTOGRAFIA - RIBEIRÃO PRETO – 2009.

Na noite de 6 de junho de 2009, na Casa da Cultura, como resultado de um profícuo e árduo trabalho de toda a equipe do Grupo Amigos da Fotografia, comandada por João e Elza Rossato, foram abertas ao público duas bienais nacionais de fotografia.

O Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto obteve o 2º. lugar na classificação geral da I BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA NATUREZA EM CORES — sendo o 1º. lugar individual uma foto de nosso presidente, João Rossato — e em 3º. lugar na classificação geral da XVI BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA EM CORES.

Prestigiaram a abertura a Secretária da Cultura, Adriana Silva, e os Diretores da SMC, Valério Dias e Cristiane Framartino.

No início da cerimônia de entrega de certificados e troféus, sob coordenação do Diretor Administrativo da CONFOTO, Ourivaldo Barbosa do Valle, usaram da palavra o Presidente da CONFOTO, Sidney Saut, e o Diretor do GAF, Antônio Carlos Tórtoro, cujas palavras seguem abaixo:

“Recentemente, todos vimos, pela TV, as declarações do jogador Ronaldo, quando de sua chegada ao Corinthians, no dia 12 de dezembro de 2008: “sou mais um louco para o bando”.

Eu penso que, ser mais um louco num bando, recebendo milhões de reais, é muito fácil: difícil, mas muitíssimo prazeroso, é ser um louco num bando de loucos em que nenhum deles recebe um centavo sequer, para trazer para Ribeirão Preto duas bienais nacionais de fotografia, com participação de onze estados e duas mil e duzentas fotos.

Eu estou me referindo aos loucos do Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto, sob a presidência de João Rossato e direção de Elza Rossato, que nesta noite festiva dá mais dois presentes para Ribeirão Preto: duas bienais nacionais.

Somente quem trabalhou para que elas se tornassem uma realidade, pode dizer o quanto são difíceis e tortuosos, os caminhos de todos aqueles que buscam produzir cultura, qualquer que seja a área escolhida.

Por este motivo, em meu nome, e em nome do Grupo Amigos da Fotografia, quero agradecer a todos que, de alguma forma, nos ajudaram a abrir portas e vencer barreiras, sempre levantadas por alguns que não querem, ou não sabem, fazer algo pela cultura e educação de sua cidade, e que demonstram, mesquinamente, a cada momento, seu incômodo diante de quem se aventura a fazê-lo.

Obrigado, e uma boa noite fotográfica a todos”.

ARTEFOTOPLÁSTICA E O COLÉGIO ANCHIETA/OBJETIVO

As apostilas do Colégio Objetivo propõem trabalhos no sentido de se resgatar as diferentes linguagens artísticas.

Posto o acima, alunos do Ensino Fundamental do Colégio Anchieta/Objetivo de Ribeirão Preto, abordaram, em 2006, um panorama histórico sobre o crescimento de Ribeirão Preto, nos seus 150 anos, associado à obras de Odilla Mestriner e aos poemas e fotografias de Antônio Carlos Tórtoro, até os dias de hoje. O objetivo desse trabalho foi analisar os diferentes elementos visuais que a artista plástica Odilla Mestriner utilizou para retratar em suas obras a nossa cidade e suas diversidades culturais e sociais, fazendo uso de contrastes entre o figurativo e o abstrato, a geometria e a simetria, e ainda abordar os aspectos das figuras de linguagens literárias e fotográficas presentes na obra de Ac Tórtoro, por meio de uma interferência de ilustrações, gerando, assim, uma instalação, criada por efeitos visuais encontrados no livro “ O passado Manda Lembrança” e nos poemas de Antônio Carlos Tórtoro. A proposta foi a de criar momentos de reflexão e discussão a respeito daquilo em que os artistas se inspiram para compor suas obras, além de incentivar os alunos a trabalharem com matérias de diferentes linguagens e texturas nas figuras e também no suporte ou na superfície a ser trabalhada, desenhando, pintando, recortando e colando para produzir os seus próprios efeitos visuais.

Tendo como base o trabalho de alunos do Colégio Anchieta/Objetivo, em comemoração aos 50 anos de Artes Plásticas de Odilla Mestriner, sob orientação da Profa. de Artes, Márcia Belebony Nishi, o fotógrafo AC Tórtoro, do Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto, fez uma apropriação da releitura das obras da renomada artista de nossa cidade. A exposição formada por 18 fotos coloridas, 25 x 38, patrocinada pelo Curso de Idiomas Wizard, da Antônio Diederichsen, 655, e uma realização do MIS-Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto, tem como objetivo estabelecer uma relação entre fotografia e artes plásticas, homenageando Odilla Mestriner, cujas obras lidam com a tematização urbana: com o espaço e com o tempo das cidades e também os conflitos de vivências nas megalópolises.

No dia da abertura marcaram presença o Secretário Municipal da Cultura, Dr Vicente Seixas e sua assessora, Cristiane Framartino, o presidente João Rossato e membros do GAF (Sônia Franco, Con Vieira, Lu Degobbi, Elza Rossato, Henrique Ravassi e esposa, do Cine Foto Clube, além de amigos e convidados do fotógrafo AC Tórtoro, que foram recebidos pelos anfitriões, proprietários da Wizard Francisco e Denise, e pelas assessoras Noely e Sueli. O evento teve a cobertura da TV, e será brevemente veiculado, pelo Rodrigo Simões, do Grupo Evidência e também pelo Carlos Ponce, do Sociedade em Destaque.

O local da exposição ficou aberto de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas, até o dia 14 de dezembro.

BANDO DE LOUCOS...POR FOTOGRAFIA

“Atrás da câmara, deve estar um temperamento verdadeiramente artístico, de apurado senso estético, que consiga transmitir suas emoções num simples retângulo, onde tudo terá de ser dito em cores ou entre o branco e o preto, de uma forma pessoal e inconfundível, original e sintética”.

Jacob Polacow - FCCB

Todos vimos, pela TV, as declarações do jogador Ronaldo, quando de sua chegada ao Corinthians, no dia 12 de dezembro de 2008: sou mais um louco para o bando.

Ser mais um louco num bando, recebendo milhões de reais, parece-me muito fácil: difícil, mas muitíssimo prazeroso, é ser um louco, num bando de loucos em que nenhum deles recebe um centavo sequer para trazer para Ribeirão Preto duas bienais nacionais de fotografia, com participação de onze estados e duas mil e duzentas fotos.

Estou me referindo aos loucos do Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto, sob a presidência de João Rossato e direção de Elza Rossato que , num sábado, das 8 às 20 horas, ininterruptamente, trabalharam para que os jurados Beto Borges, Cesar Mulati e Jefferson Barcelos, conhecedores profundos da arte de Daguerre, pudessem, numa verdadeira maratona de cores, luzes, formas e beleza, ter condições físicas e mentais para escolherem as 108 fotos da Primeira Bienal de Arte Fotográfica Natureza em Cores, e as 210 fotos da XVI Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores.

A escolha transcorreu numa tranquilidade e num silêncio de convento, vez ou outra quebrado por um comentário ante o inusitado ou beleza de algumas fotos: diante de um achado, como se costuma chamar entre os trovadores aquela idéia genial, que ilumina mente e olhos do observador mais sensível e profissional.

Durante onze horas, interrompidas somente por alguns minutos para o almoço e um lanche, imagens de todo o Brasil desfilaram perante os olhares críticos e atentos de julgadores, e ao mesmo tempo, deliciaram e saciaram a sede de luz e de belo de cada um dos fotógrafos que estiveram envolvidos no trabalho de organização das fotos, preparação da alimentação, digitalização e formatação dos dados nos computadores, cobertura fotográfica para divulgação na mídia e nos sites especializados.

E o resultado final não foi surpreendente, mas foi auspicioso: oitenta por cento dos fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia, cujas fotos foram escolhidas para serem expostas

no dia 6 de junho, na Casa da Cultura, é de jovens fotógrafos, saídos dos estúdios de Elza e João Rossato, jovens que, se não superaram, se igualaram aos seus mestres.

Os fatos acima narrados demonstram, na práxis, a grandeza de espírito e o desprendimento que envolve os membros de um grupo de fotógrafos que, mais uma vez, recebeu apoio irrestrito da Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto, na pessoa de Valério Dias , Diretor de Atividades Culturais , e da Secretária, Adriana Silva, mas que, paradoxalmente, não tem sido visto como deveria, por uma outra Secretaria, do mesmo governo Darcy Vera, ao desconhecer os inestimáveis serviços prestados — no campo social, educacional, cultural — pelo GAF à história viva de nossa cidade, em todos os profícuos anos de sua existência.

Mas isso é assunto para um outro artigo, caso se faça necessário.

BEM NA FITA: A FOTOGRAFIA NA ESCOLA

Vivemos num mundo multimídia, em que saber ver é fundamental.

E para se aprender a ver, nada melhor que fotografar e ver fotografias.

Segundo Edgar Morin, “o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino.

E nada melhor do que a fotografia — que ensina a desenvolver o olhar — para evidenciar o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano.

Quem teve, ou tiver, a oportunidade de conhecer a coleção Folha de grandes fotógrafos, em 14 volumes, pode, ou poderá entender, o que acabo de afirmar acima.

Nos olhares de Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, Elliott Erwitt, W. Eugene Smith, Sebastião Salgado, Araquém Alcântara, Alberto Korda e outros tão importantes quanto, podemos sentir de perto o poder das imagens que desnudam as nuances infinitas do comportamento humano em múltiplas situações: nas guerras, no trabalho, nas metrópoles, nos vilarejos, nos esportes, nas religiões, nas revoluções, no cinema.

Roland Barthes , em seu livro *A câmara clara*, menciona as palavras/elementos *studium* e *punctum*.

Studium , segundo ele, é o que nos faz interessar por muitas fotografias, quer as recebamos como testemunhos políticos, quer as apreciemos como bons quadros históricos, pois que, é culturalmente que participamos das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações.

O segundo elemento vem para quebrar, contrariar o *studium*: é o *punctum*.

O *punctum* de uma foto é um acaso que, nela, punge, fere, mortifica o espectador. O *punctum* parte da cena, como uma flecha, e transpassa que o observa: eis alguns mistérios da arte fotográfica.

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. Reconhecer o *punctum* é viver momento de êxtase, de reflexão, de incômodo, de possível mudança de paradigma. O *punctum* tem força metonímica , uma força de expansão que leva o observador a uma releitura da foto, ou seja, mexe com a condição humana, faz

rever conceitos, estimula a reflexão, além de ter o ato de fotografar a virtude de unir pessoas, fazer amigos, denunciar fatos e fazer a edição da vida de seres humanos.

Por esses e outros motivos que defendo a idéia da inserção da arte fotográfica no currículo escolar: enviei projeto nesse sentido à Secretaria da Educação de Ribeirão Preto.

Aceita a sugestão , ficaria a nossa Educação bem na foto, e na fita.

CADA CABEÇA UMA SENTENÇA

Se você dispuser de um tempinho, visite, neste mês de junho, a Casa da Cultura.

No térreo, você, caro amigo, encontrará uma exposição com título sugestivo (tendo em vista a forma como a arte fotográfica está sendo recebida pelos atuais responsáveis pelo MIS- Museu da Imagem e do Som), com plotagem indicativa e monitor exclusivo pago pelos amigos do MARP : “Cada Cabeça Uma Sentença”.

No mezanino , de 1º. a 30 de junho, uma grande exposição do GAF - Grupo Amigos da Fotografia — sem a devida plotagem na abertura e sem um monitor nos finais de semana. São 300 fotos selecionadas a partir dos dois volumes do livro “O Passado Manda Lembrança”, editados pela Villimpress.

As fotos mostram a cidade em diferentes épocas e, por meio delas, é possível perceber-se as mudanças arquitetônicas e espaciais que ocorreram em quase cem anos.

Mas a exposição não mostra tudo.

Excetuada a boa vontade do Prefeito, Dr. Welson Gasparini, do Secretário da Cultura , Dr Corauci Sobrinho, e de sua equipe (Mariângela, Cristiane, Paulinho, Rute e outros) , a exposição montada com um bom gosto e capricho incrível pelo pessoal do GAF não mostra, felizmente, ao público visitante, as dificuldades que sempre são encontradas, quando o assunto é MIS, por quem não é amigo do rei,.

A fotografia ribeirãopretana, junto ao MIS, perdeu, recentemente a simpatia, boa vontade, competência e o bom atendimento de Daniel Basso, sob a alegação de que ele foi mal educado com uma funcionária da Secretaria da Educação.

Mas o olhar sobre a mesma fotografia, junto ao MIS, parece-nos que ganhou em empáfia, sujeição e vassalagem.

Na última quinta-feira, não fosse a eficiência e eficácia da secretaria da SMC, Rute, e do administrador Paulinho, a exposição do GAF não estaria onde está, e tudo porque, segundo o MIS, o GAF teria que pagar alguém para pintar as paredes, as fotos que estavam anteriormente no local não seriam retiradas naquele dia, como necessário — porque quem manda no MIS não é o GAF, segundo palavras de quem deveria saber que mandamos sim, como cidadãos pagantes de impostos e, portanto, merecedores de respeito — além de outras declarações que deixam escapar que o MIS tem um dono: chamam-no, em conversas ao pé do ouvido de Boss, Big Boss: não sei porquê.

Mas a exposição, apesar de tudo, está lá.

Parabéns Elza e João Rossato que, literalmente, com sangue, suor e lágrimas, têm mantido vivo e unido o Grupo Amigos da Fotografia, nascido há oito anos, contando com 50

membros e um arquivo invejável de mais de duas mil fotos, sempre trabalhando em favor da arte fotográfica ribeirãopretana.

Enquanto isso curadorias continuam sendo feitas por funcionários da própria Secretaria — o que é , no mínimo antiético — e apadrinhados esnobam os demais artistas, comuns dos mortais, comentando aberta e acintosamente, após falar ao celular com o Boss : não sou como vocês do GAF, eu ganho, e bem, para fazer cultura !!!.

Como sabemos que , em cada cabeça uma sentença, será que precisaremos esperar por uma próxima e nova administração municipal para acabarmos com essa viciada realidade, fazendo rolar cabeças e sentenças ?

CARNAVAL DE RIBEIRÃO : NOSSA NOVA PAIXÃO

*“Na casa de Irene se canta , se ri,
tem gente que vem, tem gente que vai .”*

Nico Fidenco

Enquanto pela TV, no sábado, eu assistia ao desfile da Águia de Ouro — em São Paulo, homenageando Ribeirão Preto — pensava no nosso Carnaval de rua.

Mas correu tudo bem no Carnaval 2010 de Ribeirão Preto, para nós, fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia, principalmente no que tange à organização do evento

Assim como o fez no Carnaval passado, a Prefeita, Dárcy Vera, percorreu parte da Passarela do Samba “Mestre Oscarzinho”, cumprimentando muitos dos populares presentes ao evento: saiu do palanque para beijar, abraçar, sorrir, brincar, cantar, dar entrevistas, sob as luzes de flechas que registravam o fato, agora comum nos nossos carnavais de rua.

A simpática e bela Corte de Momo permeou, após a abertura do evento, os intervalos entre os desfiles das escolas: pacientes e solícitos, Rei Momo (Celso) , Rainha (Valquíria) e Princesas (Jéssica e Priscila), atendiam a foliões e fotógrafos, distribuindo luxo e beleza.

A comissão organizadora não poupou esforços no sentido de fazer tudo correr bem, todos com sorrisos nos lábios e o coração brincando em consonância com a alegria do Carnaval.

Quase perfeito som, iluminação, arquibancadas, segurança (Polícia Militar, Guarda Civil e agentes da Transerp) , palanques, cabine de som, camarotes, pintura da pista, tendas, lanches, água, refrigerantes, cabines sanitárias — novas, limpas, com papel higiênico disponível, e tratadas com o mesmo esmero do ano anterior.

Nosso Grupo Amigos da Fotografia, com quase trinta componentes, desfilou durante dois dias, na avenida Mogiana, domingo e segunda-feira, clicando tudo o que pudesse deixar marca na história do Carnaval ribeirãopretano: carros alegóricos, sambistas, baianas, mestres-salas e porta-bandeiras, comissões de frente, destaques, gente do povo que lotava as arquibancadas.

Fotografamos, dançando ao som da cantiga do Afoxé Orunmila, e clicando no ritmo alucinante da batida forte e marrenta das baterias que passaram pelo percurso.

O tempo não obedeceu às previsões do serviço de meteorologia que previa poucos milímetros de chuva (5 mm) nos dias dos desfiles: não caiu uma gota sequer, e o calor derramou suores por todo o azul acinzentado da passarela do samba.

E a mesma passarela iluminou-se de forma espetacular e inesquecível com a Tradição do Ipiranga, Bambas, Falcão de Ouro, Embaixadores — no domingo, até às 2 horas da manhã da segunda-feira — e Imperadores do Samba, Camisa 12 Corinthiana e Acadêmicos da Vila Virgínia, que fechou os memoráveis momentos de luz e cor na madrugada de terça-feira.

Já na terça-feira, na sede do Grupo Amigos da Fotografia, nossa Casa de Irene, durante todo o dia, ocorreram reuniões sucessivas para seleção de fotos para exposição no Palácio Rio Branco, com abertura no dia 18 de fevereiro: na tela do computador, monitorada pelo jovem e dinâmico secretário do GAF, Guilherme Piga, um resumo de toda a beleza, harmonia, movimento e vida de mais um Carnaval que passou.

CARNAVAL NUM RIO

*“É o povo que faz a marca desse país.
Risonho, capaz, feliz”*

Samba-enredo da Portela 2006

Depois de quase quarenta anos vendo desfilarem os Acadêmicos do Jardim Paulista, desde a década de 60, na esplanada do Pedro II, sob o comando de Raimundo Caldas Durão, fui ver de perto o Carnaval de rua de Ribeirão Preto, na avenida Mogiana, como fotógrafo do Grupo Amigos da Fotografia.

E vi o mesmo Carnaval: pobre, sofrido, com suas alas parecendo queijo suíço por falta de um maior número de integrantes, alguns personagens grotescos, cambaleantes, quase zumbis, percorrendo a avenida; crianças sonolentas e chorosas, e em algumas escolas, comissões de frente formando massa única com mestre-sala e porta-bandeiras; alegorias, carros e fantasias, pouca técnica e enredos sem muita criatividade, apesar dos esforços hercúleos spendidos pelos carnavalescos.

Mas vi, também, os responsáveis por um Carnaval assim, tão abandonado e sofrido, continuarem sobrevivendo: jovens sambistas — que mesmo sobre a enxurrada que transformou em rio o nosso sambódromo improvisado, apresentavam-se freneticamente — seguidos da ala das baianas — alma de qualquer escola de samba que se preze, — e as baterias, vozes clamando no deserto por uma ajuda oficial e apoio dos empresários de uma região tão rica como a nossa.

Vi desfilarem o Afoxé Omo Orumilá ao som de uma saudação aos Orixás, seguido das brincadeiras da Camisa 12 Corinthiana e, depois, os 40 anos dos Embaixadores. A Camisa Preta e Branca “navegou” sob um pé d’água que lavou literalmente Iemanjá e a Bahia. Os Bambas mostraram um Carnaval refletido no chão molhado da avenida, e o temporal voltou a saudar a Tradição e abençoar sua tentativa de preservação ambiental.

Minha Nikon D70 procurava registrar a essência, as cores, as luzes, os brilhos, os destaques, atraída, principalmente, pela energia de alguns componentes que cantavam a plenos pulmões e me faziam lembrar que aquilo era uma festa, uma festa do povo, que, acomodado nas arquibancadas, cantava e dançava, mesmo depois da chuva.

Mas o Carnaval ribeirãopretano, mais de cem anos depois, está precisando de um Cassoulet, um Cassoulet atraído pelas riquezas da cana-de-açúcar. Precisamos de alguém que ame esse espetáculo — que só perde no gosto popular para o futebol — e o transforme num grande espetáculo, incentivando o turismo carnavalesco fora do eixo São Paulo-Rio: e “é

preciso buscar o modelo de gestão de SP e Rio para conquistar patrocínio”, como afirma Milton da Silva, presidente da Liga Ribeirãopretana de Carnaval.

A Prefeitura Municipal e a Secretaria da Cultura, mesmo com muito esforço, não conseguirão, sem apoio da comunidade, dar às escolas barracões para seus ensaios e promoção de festas para arrecadação de verba no decorrer do ano: quesitos fundamentais para a existência de um grande Carnaval.

Sem patrocínios suficientes, as acomodações da imprensa, e até dos jurados, continuarão a ser precárias: goteiras enormes nas coberturas existentes, falta de sanitários decentes, um tablado reservado ao Rei Momo e sua corte, mas declarado “de risco” pela própria comissão organizadora.

Quanto aos funcionários da Secretaria da Cultura que trabalharam no local — com exceção de uns poucos que o tempo todo se mostraram solícitos e sorridentes, de acordo com o clima exigido para um Carnaval — ficam no local com humor de cão, procurando de toda a maneira estragar a noite de quem, como eles, também está trabalhando, na cobertura do evento.

Exemplo de alegria, disponibilidade e simpatia foram o Rei Momo, Anderson Silva, a Rainha, Fabiana Muniz, e suas princesas: sinônimos de realeza em alto nível, no trato com o público e fotógrafos que cobriram a festa.

Enfim, fica para 2008 — desejando que se transforme em profecia — a esperança de que prevaleça, em cada coração que ama a valorização da cultura em nossa cidade, e trabalha por ela, o desejo de que tudo seja melhor nos dias de folia.

CARNAVAL NOVO TEMPO

*“Na casa de Irene se canta , se ri,
tem gente que vem, tem gente que vai .”*

Nico Fidenco

Tudo novo no Carnaval 2009, principalmente no que tange ao relacionamento humano.

E o exemplo veio de casa: a nova Prefeita, Dárcy Vera, percorreu parte da Passarela do Samba “Mestre Oscarzinho”, cumprimentando muitos dos populares presentes ao evento: saiu do palanque para beijar, abraçar, sorrir, brincar, cantar, sob as luzes de flechas que registravam o fato inédito, tão comum, mas só durante as campanhas eleitorais

A simpática e bela Corte de Momo permeou, após a abertura do evento, os intervalos entre os desfiles das escolas: pacientes e solícitos, Rei Momo (Celso) , Rainha (Adriana) e Princesas (Amanda e Maira), atendiam a foliões e fotógrafos, distribuindo luxo e beleza.

A comissão organizadora (parabéns ao empresário Genivaldo Gomes e toda Comissão de Carnaval) não poupou esforços no sentido de fazer tudo correr bem, todos com sorrisos nos lábios e o coração brincando em consonância com a alegria do Carnaval.

Quase perfeito som, iluminação, arquibancadas, segurança (Polícia Militar, Guarda Civil e agentes da Transerp) , palanques, cabine de som, camarotes, pintura da pista, tendas, lanches, água, refrigerantes, cabines sanitárias — novas, limpas, com papel higiênico disponível, sem o odor horrível que tomou conta das que foram oferecidas, danificadas e malcheirosas, aos profissionais que ali trabalharam no ano anterior.

Nosso Grupo Amigos da Fotografia, com mais de vinte componentes, desfilou durante dois dias, na avenida Mogiana, sábado e domingo, clicando tudo o que pudesse deixar marca na história do Carnaval ribeirãopretano: carros alegóricos, sambistas, baianas, mestres-salas e porta-bandeiras, comissões de frente, destaques, gente do povo que lotava as arquibancadas.

Fotografamos, dançando ao som da cantiga do Afoxé Orunmila, choramos no ritmo alucinante da batida forte e marrenta da Camisa 12 Corinthiana, escola que escorreu como lágrimas pela avenida, quase desnuda, sem suas fantasias.

No domingo, antes da apresentação da Camisa Preta e Branca, choraram os céus: um breve chuveiro lamentou a sina da outra escola de mesmas cores.

Mas a passarela iluminou-se de forma espetacular e inesquecível com Embaixadores e Bambas, e fechou os memoráveis momentos de luz e cor com a Tradição do Ipiranga.

Segunda-feira, na sede do Grupo Amigos da Fotografia, nossa Casa de Irene, ocorreram reuniões sucessivas para seleção de oitenta fotos para uma exposição no Palácio Rio Branco: na tela do computador um resumo de toda a beleza, harmonia, movimento e vida de mais um Carnaval que passou.

Quanto às punições das escolas que infringiram o regulamento, sugiro à nossa cara Prefeita que interceda junto à comissão de ética das Escolas de Samba a fim de que nenhuma escola seja punida neste ano em homenagem ao falecido carnavalesco Carlinhos Durão: já sofreram demais nesses anos todos e agora precisam de apoio concreto, respeito, atenção e carinho, aliás, como todas as áreas culturais de Ribeirão Preto, que não contam com um Conselho à altura de sua grandeza e História.

CARTA AOS FOTÓGRAFOS RECÉM-FORMADOS

Sejam bem-vindos aos milhares de tons de cinza e de todas as demais cores do universo que a luz nos permite ver.

Desejo que vocês sejam sempre, e antes de tudo, amadores da fotografia: que amem a arte fotográfica.

Amem clicar e ver fotografias.

Amem se aprimorar e estudar tudo que se referir a essa arte.

Amem o contato com as pessoas, inclusive com seus colegas que olharem para vocês somente como concorrentes no mercado de trabalho.

Amem e preservem com muito carinho seus equipamentos.

Amem ver o mundo fantástico que os rodeia e não somente olhá-lo.

Amem descobrir detalhes, sombras, reflexos, luzes, nuances, contrastes.

Amem conhecer a história e o trabalho de grandes fotógrafos de sua cidade, do Brasil e do mundo.

Amem aprender, com humildade e com atenção, ouvindo os mais experientes sobre vivências que os livros não trazem.

A máquina fotográfica é uma ferramenta que pode dar ou tirar a vida.

Aprenda a dar vida eterna a momentos que, sem seu olhar e sensibilidade, seriam efêmeros.

Aprenda a matar, denunciando, com a imagem registrada, as fontes de dor, sofrimento, angústia, desamor, desrespeito ao próximo e ao meio ambiente.

Aprenda mirando-se nos exemplos de Sebastião Salgado, Pedro Martinelli, Miguel Rio Branco, Araquém Alcântara, Korda, Cartier-Bresson, Lange, Capa, Erwit.

Ser fotógrafo é descobrir dentro de si o caçador, o pesquisador, o criador, o artista, o filósofo, o sonhador, a criança.

Faça amigos com suas fotos.

Faça sorrir um idoso mesmo que seja somente diante de suas lentes.

Faça brincar uma criança mesmo que seja somente para obter uma foto a ser apresentada em um salão ou bienal fotográfica.

Faça de conta que você é Deus e mude a cara do mundo, utilizando as infinitas técnicas fotográficas à sua disposição, recrie tudo à sua imagem e ao sabor de suas ideias: preto e branco, sépia, distorcido, mascarado, espocado, granulado, cropado.

E, se depois de ouvir meus conselhos, conseguir ganhar dinheiro com a fotografia, sem ter que agir como um predador: melhor ainda.

COMUNHÃO ENTRE MENTE E OLHAR

“A escrita é a viagem, a descoberta de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências”.

Mia Couto

Visitar o passado é viver, com os olhos da memória, o instante que passou despercebido ou que foi apenas externamente sentido, sem a verdadeira consciência da felicidade.

Revisitar o passado é ter uma versão amadurecida, porque seletiva e reflexiva, de tudo aquilo que se viveu e que, realmente, valeu a pena.

Tanto a poesia — arte do intraduzível — quanto a fotografia — o olhar que nos mostra o hoje comparado ao ontem que pereceu, muitas vezes em holocausto, apenas sobreviveu, ou, magicamente, cresceu e frutificou — estão novamente reunidas e acopladas neste terceiro volume da histórica e preciosa obra a várias mãos, fecundas e harmoniosas: *O passado manda lembrança.*

O olhar do poeta e o do fotógrafo cruzam-se num momento mágico, selecionam um item da realidade e dão início ao processo de criação, o qual, em sua essência e originalidade, é sempre uma recriação do mundo por intermédio do universo da palavra e da luz.

É assim que os textos do poeta Antônio Carlos Tórtoro se acasalam com a sua arte da fotografia, também magistralmente cultuada pelo Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto, numa união perfeita, porque equilibrada e infinita.

Essa arte, nascida do acoplamento entre fotos e poemas, conduz a cosmovisão de seus autores a uma outra etapa do processo criativo, aquela que realmente o imortaliza: a comunhão entre a mente do leitor e o olhar do espectador.

Portanto, a foto-poema é a matéria de uma arte tão solidária e fraternal como a sua origem e é, para quem a produz e para quem a frui, um importante exercício de sensibilidade.

O que aqui não se escreveu — ou inscreveu-se — que fique sugerido pela magia do texto poético que dignifica esta obra :

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

*Entre o sonho e a realidade,
Os temperos da esperança.*

DRA. PROFA. VERA LÚCIA HANNA

CRÉDITO: CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE UMA FOTOGRAFIA

Segundo o dicionário Houaiss, crédito é a indicação das pessoas e instituições participantes da elaboração intelectual, artística, técnica e empresarial de um determinado filme, programa de rádio ou televisão, publicação impressa, disco, *site*, evento cultural, etc.

Lei Autoral, nº 9.610/98: “Art. 24. São direitos morais do autor:...II – o de ter seu nome, pseudônimo ou sinal convencional indicado ou anunciado, como sendo o do autor, na utilização de sua obra;” Art. 79: §1º – A fotografia, quando utilizada por terceiros, indicará de forma legível o nome do seu autor”. Art. 108. Quem, na utilização, por qualquer modalidade, de obra intelectual, deixar de indicar ou de anunciar, como tal, o nome, pseudônimo ou sinal convencional do autor e do intérprete, além de responder por danos morais, está obrigado a divulgar-lhes a identidade na forma da lei.

Mas , infelizmente , não é isso que acontece.

Lei, ora lei !

Quanto ao respeito ao trabalho do autor, nem pensar.

Qualquer artigo escrito, qualquer obra de arte (pintura, escultura, colagem...), qualquer filme, qualquer disco, enfim , qualquer arte, tem sempre mencionado o seu autor: menos a fotografia.

Tenho a impressão de que , em geral, todos se acham capazes de tirar uma fotografia, qualquer que seja ela, e, por isso, não dão a ela o devido valor.

Muitos não imaginam sequer o desgaste físico e emocional que algumas fotos exigiram de seus autores.

Viagens longas e cansativas, contato com guerras e desastres, exposição a catástrofes naturais ou frutos da insanidade humana, penetrar florestas, subir montanhas, mergulhar em mares, andar, correr, voar, nadar, correr riscos de todos os tipos em busca de uma imagem.

Uma imagem que, colocada numa revista, jornal, exposição parece a muitos ter nascido do nada quando, junto dela, não existe um crédito.

Por esse motivo, é comum ver alguém elogiar uma foto que marcou sua vida, um momento, um fato específico, e não saber quem foi o fotógrafo: a pessoa, o autor, o criador, alguém que, num momento sublime, em que se associaram, numa divina conspiração, a sorte, a técnica, a habilidade, a agilidade, a perspicácia, o oportunismo, a sensibilidade e a inteligência, o Cósmico colocou na hora certa, no local certo, com luz e câmera certas.

Nós , fotógrafos, somos artistas, não queremos utilizar, contra os ignorantes (da lei) ou insensíveis (aos sentimentos de quem cria uma obra de arte) , o rigor da lei , mas também nossa sensibilidade não nos permite ver nosso trabalho exposto como anônimos quaisquer nas ruas da cidade: nossas criações têm pai , ou mãe. Não são órfãs.

Num Tribunal de Justiça de Santa Catarina, em abril de 2010, um magistrado comparou o não colocar crédito em uma foto à reprodução, no rádio, de uma canção sem referência ao nome do compositor, ou à apresentação de uma peça de Shakespeare sem informar seu nome. “É direito do autor ter seu nome veiculado junto à sua obra. A publicação de fotografias sem a indicação do nome do fotógrafo atenta contra os direitos autorais”.

Em nome de Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, W. Eugene Smith, Alberto Korda, Elliott Erwitt, Sebastião Salgado, Pedro Martinelli , e outros gênios da fotografia, peço um mínimo de respeito aos atuais amadores/ amantes da arte de escrever com a luz.

CULTURA DA CRUELDADE: TOURADAS E CALVÁRIO.

Sou fotógrafo do Grupo Amigos da Fotografia e, como tal, fui convidado para registrar a representação do Calvário, que ocorre tradicionalmente em Ribeirão Preto.

Neguei-me, por não me sentir bem, utilizando, com fins artísticos, o sofrimento de quem quer que seja — ou de qualquer ser vivo —, mesmo que fruto de uma representação.

E lembrei-me de um artigo de Aldo Pereira, colaborador especial da Folha, que leva o mesmo título desse meu texto:

“Nas horas que precedem a tourada, auxiliares se ocupam de preparar o touro. Penduram-lhe no pescoço pesados sacos de areia para fatigar os músculos que acionam as chifradas. Passam-lhe vaselina nos olhos para embotar-lhe a visão. Desde a véspera, ou até antes, não o alimentam. Na pouca água que lhe dão, misturam purgantes: perda de fluidos e sais na diarreia irão levá-lo mais cedo à exaustão.

A intenção é reduzir-lhe a capacidade de lutar, não a disposição, que buscam excitar ao confiná-lo em curral escuro e exíguo. Ali, golpeiam-lhe os rins e espicam os testículos com longas agulhas. Quando finalmente o deixam galopar para a falsa liberdade da arena, o touro primeiro ataca, aterrorizado, furioso, aturdido pelo sol que reverbera na areia.

Depois, ataca o primeiro inimigo a provocá-lo: o picador, toureiro montado e armado de lança, pernas protegidas por armaduras. Enquanto chifra o cavalo (precariamente protegido pela “calzona” de camurça) e o comprime contra o muro da arena, o touro expõe a nuca a pontões da “puya”, ponta piramidal da lança. Afiadas arestas da “puya” rasgam o couro e rompem tendões e ligamentos, sem aprofundar os ferimentos.

Para prevenir importunos relinchos de terror, prévia operação sem anestesia terá extirpado as cordas vocais do cavalo. Se incapacitado por chifradas, ele será abatido. Mas, caso lhe sobre alguma força, passará por grosseira sutura dos ferimentos, sempre sem anestésico, para ser aproveitado na tourada seguinte.

Depois do picador, toureiros subalternos virão atormentar o touro com as bandarilhas que lhe fincam no dorso, enquanto o rodeiam e confundem. Corcovos para livrar-se desses dolorosos arpões coloridos meramente aumentam lacerações e o sangramento do touro, mas divertem e excitam o público.

Entra em cena o matador. Também ele terá passado por preparativos esmerados. Entre estes, oração contrita perante réplica da chorosa Virgem da Macarena, santa tutelar dos toureiros. Na arena, depois de elaborado balé de esquivas e rodopios da “muleta” (capa usada no ato final), o toureiro se posta diante do touro exausto e atordoado, arranca em curta corrida e crava-lhe a espada num dos lanhos abertos pela “puya”.

A lâmina pode penetrar mais de meio metro, perfurar um pulmão e também alguma artéria grossa; hemorragia profusa fará o touro golfar sangue enquanto sufoca e tomba.

Tentará reerguer-se, mas outros toureiros acorrem para cravar-lhe entre vértebras da nuca repetidos golpes de “puntillas” (adagas) para destruir-lhe a medula espinhal e paralisá-lo.

Exultação orgástica do público. Acenos de lenços brancos sinalizam ao diretor da tourada que conceda ao toureiro a honra de decepar uma orelha do touro que, ainda consciente, bufa sangue e agoniza”.

Para mim a representação anual do sofrimento de Cristo, numa sociedade que ainda se compraz com touradas, rinhas de galo, rodeios, lutas de cães, caçadas, é, para muitos, mais um evento recreativo que inclui matança e tortura, e, portanto, deveria ser retirada das atividades religiosas que marcam a morte de Jesus: puro sadomasoquismo e mau gosto.

Na sexta-feira santa, só deveríamos nos lembrar da vida, e não de torturas, sangue e morte: disso já temos de sobra no dia-a-dia.

Parece-me que, para alguns, é prazeroso ver martirizar e matar o Cristo a cada ano: é apostar na morte e no sangue ao invés de na alegria, na vida e na ressurreição.

Como fazemos com nossos mortos no Dia de Finados, deveríamos nos lembrar de momentos fortemente representativos da vida do Nazareno, Filho de Deus feito homem, tendo em vista que Ele mesmo afirmou: estarei sempre com vocês, até a eternidade.

DAY AFTER

Momentos fotográficos de Day na sede do Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto: dia, sol, luz, energia vital.

Uma jovem, de não mais de um metro e sessenta, de repente, diante das lentes fotográficas, torna-se imensa, ocupa toda a abertura disponível nas lentes, e num lapso de tempo mínimo, transforma-se de menina em mulher.

Aos nossos olhos, ainda uma adolescente, aos olhos de uma Nikon ou Canon, Day Domingues se transmuta em modelo profissional da mais alta qualidade e competência: ela, o tempo todo, e incansavelmente, fala, com seus belos e intrigantes olhos azuis, com cada uma das câmeras, de forma encantadora e envolvente.

Day se molda, como argila obediente, aos sonhos e expectativas dos fotógrafos que têm a satisfação de estarem com ela num início de carreira que promete muito mais.

Aliás, Day Domingues não é promessa: sob as vistas fotométricas de Elza e João Rossato, desde criança, passa a impressão de que nasceu sob cliques e flechas.

Após um ensaio com Day, a sensação, no dia seguinte, é de satisfação incontida e realização profissional: as imagens com que Day nos presenteia permanece, não só nas telas dos computadores ou nos CDs, ou nas imagens impressas, mas na nossa retina de caçadores de luz: da melhor e mais pura luz.

Elza e João Rossato, AC Salles, Sônia Franco, Lu Degobbi e AC Tórtoro foram agraciados, numa tarde de domingo, com a beleza, graça e simpatia de Day ...e o resultado pode ser visto, em parte, nas fotos de AC Tórtoro.

DESCOBRINDO MINHA AKBAR

“O sentido de nossa vida é sempre aquele que desejamos dar a ela “

Uma personagem do livro “O Monte Cinco”, de Paulo Coelho , conta que, a partir de um determinado dia, passeando por sua cidade, Akbar, passou a reparar na beleza do vale, na silhueta escura das montanhas projetando-se contra o céu, na lua que muda para que o trigo possa crescer, no choro das crianças recém-nascidas, nas cantigas dos homens que tinham bebido depois do trabalho, os passos firmes dos sentinelas em cima da muralha.

E, então, se perguntava: quantas vezes já vira aquela paisagem, e não reparara como era bela, quantas vezes olhara para o céu sem notar que era profundo, quantas vezes escutara os ruídos de Akbar à sua volta, sem perceber que faziam parte de sua vida ?

Eu tenho andado assim, depois que comecei fotografar.

Iniciado nesse mundo fantástico por certa maga da escrita com a luz , Elza Rossato, passei a descobrir, em todas as coisas, a beleza com que Deus harmoniza as cores e as formas, até nos mais simples detalhes de tudo que compõe nosso universo.

Os místicos acreditam que nossa vida se renova em ciclos de sete anos.

Eu tenho sentido isso em minha vida, mas, confesso, cheguei a pensar nos meus 57 anos — sendo 56 múltiplo de sete — que eu iria mudar de ciclo sem nenhuma alteração em minhas atividades de educador, escritor, poeta e jornalista.

Ledo engano.

A fotografia possivelmente tomará conta, no mínimo, dos meus próximos sete anos: entrei no ciclo das luzes, das cores, dos contrastes, das nuances do PB (preto e branco), das milhares de possibilidades do photoshop, das Nikon e similares, das belezas do mundo da fotografia digital.

Estou vendo o mundo através das lentes de uma D70: e estou gostando muito do que estou vendo e capturando.

Aprendi a capturar, prender, deter, aprisionar imagens, para, depois, divulgar, soltar, expor tudo aquilo que capturei — muitas vezes solitariamente — para centenas de pessoas, buscando dividir com elas o prazer do ver o antes nunca visto — pelo menos nunca visto com eu vejo através de minhas lentes.

Capturar momentos, capturar expressões, capturar detalhes ínfimos, capturar as luzes e as cores extravagantes de um alvorecer, capturar avidamente o agora, e possibilitar a ele

perpetuar-se na tela do computador, está sendo para mim uma forma de oração, uma forma de viver que me permite estar sempre lembrando de que o grande arquiteto está em constante processo de criação e que eu, na minha insignificância, sou capaz de perceber e registrar esses pequenos grandes milagres que nos rodeiam.

Descobri minha particular Akbar.

DO INFERNO AO CÉU NAS RUINAS DA CIANÊ

Num sábado de muito sol e calor, após semanas e mais semanas sem uma gota sequer de chuva, chego com Elza Rossato aos escombros da antiga **Fábrica das Indústrias Reunidas Matarazzo, a Cianê**, instalada no bairro Campos Elíseos, e tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural, a fim de participar de um ensaio fotográfico, a convite do fotógrafo **Guilherme Lechat** que, em breve, deverá lançar um livro.

A visão é desoladora.

Muita poeira, lixo, mato, teias de aranha, folhas sujas de jornais, pedaços de ferro, madeira, tijolos, sujeira nas paredes, enfim, restos de tudo que se possa imaginar poderia ser encontrado num local abandonado à própria sorte por tantos anos.

Mas de repente, faz-se a luz em forma de mulher, ou melhor, de mulheres.

As modelos Aline e Juliana, por alguns minutos, encantam o inferno com uma nudez tão pura e inocente que causaria inveja à própria Eva no Paraíso.

Em torno delas, como que por encanto, o feio se tornou belo, o sujo revestiu-se de uma pureza angelical, a escuridão que permeava, instantes atrás as dezenas de colunas imundas e mal tratadas, transformaram-se em dóricas, jônicas, Coríntias, por entre as quais desfilavam duas Deusas gregas ao som do clicar e flaches de máquinas Nikon, Canon, Kodak, Sony e outros equipamentos que pareciam se curvar, a cada momento, reverenciando a beleza da mulher.

Dentre os adoradores das novas Isis — Deusa antiga e amada, Deusa do Trono, do Amor e da Magia, e que no Egito era invocada como a musa definitiva por artesãos e artistas — estava o Grupo Amigos da Fotografia, representado por João e Elza Rossato, Lu Degobbi e eu, AC Tórtoro, além do responsável por aqueles mágicos momentos: Guilherme Lechat.

Guilherme Lechat deverá, em breve, concluir e publicar um livro sobre o nu na fotografia e, por esse motivo, convidou o seu grupo para que, com ele, pudéssemos usufruir de momentos indescritíveis de beleza, luz, amizade, companheirismo, respeito — formávamos casais, inclusive Renato, esposo e cunhado das modelos, fotografava conosco — e muita criatividade: reflexos de espelhos, corpos sobre beirais de janelas com vidros estilhaçados, cadeira abandonada que por momentos se transformava em trono de Rainhas de Sabá cobertas por nudez tão bela, dádiva divina, que nenhum Salomão poderia lhes proporcionar.

Findo o trabalho de campo, começou em casa o trabalho exaustivo mas compensador de aplicação do Photoshop, programa de computador que permite retoques das imagens obtidas.

São dezenas de imagens, um mundo de cores e de luz, de nuances, de contrastes, de matizes, de tonalidades e tudo tendo como protagonistas dessa trama mágica as modelos, Aline e Juliana, a quem agradeço em nome de todos os fotógrafos que fazem arte, pela disponibilidade, confiança, e empenho com que nos oferecem seus corpos às lentes de nossas inquietas e invasivas máquinas de escrever com luz.

DO PEDRO II AO GÓLGOTA

“E recusava-se a perceber que as cores que ia espalhando por sobre a tela eram arrancadas das faces daquela que posava...”

Edgar Allan Poe

Dois mil anos depois ainda me incomodam os acontecimentos ocorridos num final de semana de um mês de abril, no ano 30, quando Jesus de Nazaré saiu do interior da Fortaleza Antônia e chegou ao Gólgota.

Fico me imaginando, D70 nas mãos em busca de imagens inéditas, percorrendo vielas de Jerusalém, numa infernal desordem, ocasionadas pelo importante evento. As casas e oficinas de adobe, encostadas umas às outras e estas sobre aquelas, fundidas em um labirinto de sombras, passagens sem saída e centenas de degraus umedecidos e empestados pelas urinas da criançada e das bestas de carga.

Meus pés escorregam nos desgastados paralelepípedos das intermináveis escadarias, enquanto procuro desviar-me de comerciantes de Alexandria, que ostentam luxuosas vestes de linho, e de centenas de peregrinos, misturados a homens e mulheres de enormes mantos verdes, marrons e de muitas outras cores, todas indefinidas devido à sujeira: hebreus da Babilônia de mantos negros até as sandálias; persas de rutilantes sedas recamadas de ouro e prata; judeus das mesetas da Anatólia com suas típicas e grandes fraldas de pêlo de cabra, e fenícios de calções multicoloridos. E toda essa multidão envolvida por odor acre da gordura quente a das especiarias.

Eu me sinto o próprio Jasão — que se torna testemunha ocular da vida, paixão, morte, ressurreição e ascensão do Galileu — personagem da série Cavalo de Tróia, nome de uma operação secreta da Força Aérea dos Estados Unidos que, segundo a obra literária, em 1973 transportou dois astronautas aos anos 30 e 25 de nossa era, numa viagem ao passado, à Palestina de Jesus de Nazaré, cujo objetivo era conhecer ao vivo a vida, obra e pensamento do Filho do Homem.

Já cansado de andar pelas redondezas da velha Jerusalém, encontro a Via Dolorosa, justamente no momento em que Simão, de Cirene, toma para si o peso da cruz.

Preparo meu equipamento de trabalho, foco, enquadro, faço o controle de branco, abertura, velocidade: mas o odor forte de sangue e suor onipresentes, a visão das carnes seviciadas, e os olhos (ou que era possível divisar daqueles olhos) me fizeram baixar a lente reveladora daquele Homem terrivelmente desfigurado.

Desisto do meu intento.

Guardo minha Nikon e busco, inutilmente, auxiliar Simão na sua empreitada, mas sou brutalmente impedido por um dos soldados romanos.

Mãos femininas amparam minha queda: só tenho tempo de mergulhar na paz profunda dos olhos inesquecíveis de Maria.

Toca o telefone.

Sou convidado a participar da cobertura fotográfica do *Caminho do Calvário* realizado no domingo de Páscoa, em Ribeirão Preto, que começa na esplanada do Theatro Pedro II e termina no Morro de São Bento.

Pela primeira vez recusei-me a participar de uma atividade do Grupo Amigos da Fotografia: eu não podia correr o risco de sentir o mesmo que o pintor de *O Retrato Oval*, personagem de Edgar Allan Poe.

É NATAL NO GRUPO AMIGOS DA FOTOGRAFIA

*"Não pergunte o que o país pode fazer por você,
pergunte o que você pode fazer pelo país"*

John Fitzgerald Kennedy

A famosa frase de JFK , dirigida ao povo americano, “não pergunte o que o país pode fazer por você, pergunte o que você pode fazer pelo país” continua mais atual do que nunca.

Nesse final de 2007, depois de muitos desafios, muito trabalho, muitos ensaios, muitas loucuras atrás das melhores imagens — nem sempre capturadas no mesmo nível dos anseios — muitos encontros e desencontros, discussões e alegrias, penso que é hora de balanço geral.

É chegado o momento de avaliarmos o que fizemos pelo Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto para que ele chegasse até aqui, e o que poderemos fazer por ele, a fim de que nosso foto clube complete pelo menos seus primeiros cinquenta anos, sendo o que é : uma escola, um refúgio, um estágio constante, um cadinho onde são fundidos egos, paixões, sonhos, desejos, fantasias, sob a luz natural do sol ou dos refletores, sob flechas ou relâmpagos de chuvas de verão.

Apesar da necessidade sempre premente de verbas para o desenvolvimento de novos projetos, eu sinto que o GAF nunca poderá vir a ser uma empresa , sob pena de perder seu encanto, sua magia, seu sabor que dá prazer.

O GAF, a meu ver, não é lugar para mercenários mas para abnegados que acreditam que a arte que não dá satisfação pessoal, não é arte, é ofício: e ofício, na maioria dos que compõem o GAF , todos têm.

Acompanhar o ritmo, e os devaneios ininterruptos de Elza Rossato — que brotam como água da fonte — não é para qualquer um : o João que o diga. Mas é sempre muito prazeroso vivenciar os resultados finais das suas loucuras: livros, exposições, bienais, salões de fotografia.

E nos momentos em que a falta de tempo, a dúvida, o cansaço, o estresse batem à porta do nosso GAF, são justamente os momentos em que não podemos exigir perfeição, emburrar por filigranas, mesquinhar alguns poucos reais, demonstrar ciúmes pela atenção

dispensada em maior grau aos neófitos, faltar aos compromissos assumidos ou deixar de entregar fotos para exposições ou concursos.

É preciso nesse final de ano devolver à Elza e ao João, o presente de Natal que eles nos propiciam o ano todo cedendo estúdio, arreganhando amorosamente as portas da própria casa, arregimentando modelos, montando cenários, dirigindo e orientando a cada um de nós que deveríamos ser eternos aprendizes, respondendo a uma única pergunta: o que podemos fazer pelo GAF e não ficar cobrando o que o GAF poderá fazer por nós.

Alguns podem até achar que nossos estúdios já não estão à altura do próprio ego, e se afastam das lides mais cotidianas, só aparecendo de vez em quando para usufruir das energias positivas, que a sempre menina Elza espalha a mancheias, mas não poderiam se esquecer de que o Mestre dos Mestres nasceu numa humilde manjedoura, e que o Natal é momento não só de confraternização universal mas também de mudança de paradigmas, estabelecidos, se possível, em conjunto.

Que tenhamos todos um Feliz Natal e que venha dois mil e oito repleto de imagens à espera de mágicas capturas.

ELZA “FOTOGRAFIA” ROSSATO

Uma das notícias destacadas pela mídia foi a cirurgia sofrida pela apresentadora Hebe Camargo, realizada no Hospital Israelita Albert Einstein, após ser internada com fortes dores abdominais.

O procedimento cirúrgico foi para retirada de nódulos existentes no peritônio, membrana que recobre e protege os órgãos dentro do abdome.

Enquanto isso, na Capital Nacional da Cultura, Elza Rossato passava por uma cirurgia parecida.

Para quem não sabe, Hebe está para a TV nacional assim como Elza Rossato está para a fotografia ribeirãopretana: é impossível se falar em fotografia sem mencionar a participação de Elza.

Entre o dia em que foi anunciada a cirurgia e o dia seguinte em que foi realizada, todas as pessoas que convivem com Elza sofreram com a possibilidade de perdê-la, e perder essa dinâmica diretora do Grupo Amigos da Fotografia teria representado a perda da força motriz de todas as atividades fotográficas atualmente em andamento: exposições, bienais, edição de vários livros, cobertura de eventos culturais, participações em conselhos municipais e mais, muito mais de tudo aquilo que Elza costuma sonhar e colocar em prática.

Nem no hospital, no mesmo dia em que foi realizada a cirurgia, Elza deixou folgar o telefone: continuou ligando para um e outro, confirmando presenças, cobrando atividades, distribuindo tarefas, mantendo acesa chama da arte de Daguerre.

Elza respira luz e sombra, seus olhos são objetivas sempre atentas a tudo que a rodeia, suas pernas são tripés e seus braços são fontes de iluminação iluminando, a cada momento, cenas e fatos que fugiriam ao comum dos mortais.

Tirar das mãos de Elza uma máquina fotográfica é o mesmo que tirar dela o próprio coração, a alma.

Como ela mesma diz de si mesma, no site do Grupo Amigos de Fotografia: “Onde brilhar um raio de luz, estiver um pássaro cantando, uma chuva caindo, ou uma criança feliz, lá estarei com minha máquina, desenhando luz e esperando que, com minhas imagens, no futuro, eu possa estar mandando lembranças: é assim que o passado manda lembrança.

Elza é anjo quando dedica muitos momentos em favor de crianças carentes ensinando a técnica do pinhole (foto tirada com latinha), mas também é demônio quando resolve fazer algo: ninguém consegue fazê-la entender que algumas coisas são impossíveis e, na teimosia, ela vai e faz.

De seu quartel general, sede do Grupo Amigos, na esquina das ruas José Coelho Gomes Ribeiro e Domingos Padovan, no Jardim Novo Mundo, ela coordena uma quantidade tão

grande de atividades que sufoca qualquer um que não esteja acostumado a frequentes desafios, e que não têm alma jovem e despreendida de valores materiais.

Mas essa alma criança que sabe tudo sobre a pedagogia fotográfica, e que não esconde os segredos, dessa arte que ela domina a quem quer que a procure para saber mais um pouco, muitas vezes sofre o ataque de vampiros fantasiados de amigos da fotografia: eles veem de mansinho , aprendem, ganham força e destaque, e quando se atrevem aos primeiros e vitoriosos voos tendo em vista a Mestre que tiveram, desaparecem, esquecem-se do ninho e às vezes, até o atacam como forma de agradecimento.

Ainda bem que Elza é maior que tudo isso, e continuará, como um Papai Noel, a distribuir seus dons fotográficos e humanos durante todo o ano, e por muitos anos, se o Supremo Arquiteto do Universo assim o permitir.

ESPAÇO KAISER: NOSSA HOLLYWOOD ?

“A fotografia nada mais é que um ato de contemplação, pois a escolha dos objetos não passa de uma arbitrariedade direcionada pela visão do fotógrafo, que, ao olhar através da lente, não deixa de ser um pouco Narciso”.

Philippe Dubois

Por algumas horas, narcisa e nostalgicamente, numa sexta-feira à tarde, fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia ocuparam um espaço do cinema ribeirãopretano: os estúdios kaiser de Cinema, resultado de uma parceria entre as Cervejarias Kaiser Brasil S.A. e a São Paulo Film Commission.

Esse espaço incrível e potencialmente fantástico mexe com os sonhos e a sensibilidade de qualquer artista por parecer ter sido construído para ser locação de filmagens: infelizmente, ainda não conta com o apoio maciço de empresários e de políticos de Ribeirão Preto que poderiam transformar nossa cidade numa Hollywood brasileira.

Enquanto isso, meu amigo José Marcos Passos Valente, diretor do Departamento Municipal de Cultura e Turismo da vizinha cidade de Brodowski, sente orgulho da produção cinematográfica de sua cidade.

Só recentemente pude conhecer o que esconde o prédio da rua Mariana Junqueira, 33, que me foi apresentado pelo Edgard Castro, produtor de cinema, que sonha ver um dia o Estúdio em plena atividade.

Mas, se o cinema não acontece como gostaríamos, envolvidos pela penumbra de um dos empoeirados galpões, iluminado apenas pela luz solar refletida por espelhos tecnicamente posicionados, Wilson Cavallari, Sônia Franco, Losé, Fernando Gaya, Elza e João Rossato, Lu Degobbi e AC Tórtoro clicaram centenas de vezes.

O resultado obtido sob os efeitos especiais produzidos pelo artista plástico Varne — com a utilização de “neve”, fumaça, bolhas de sabão, recipientes com água, rebatedores — transformou as jovens Marina, Michele, Nayara, Dayane, Alexandra e Dayne, em deusas e princesas por um dia.

Todos sabemos que a fotografia e o cinema são meios que refratam a luz e modificam a imagem do real e, por isso, naquele ambiente fantástico para os que tiveram olhos e coração para ver, as marcas nos paredões transformaram-se em negras colunas como as

formadas em grutas e cavernas por estalactites e estalagmites, banhadas por uma névoa mística, pontilhada por bolhas de sabão que transportavam cores do arco-íris.

O resultado dessa produção pôde ser visto em reunião realizada no dia seguinte, na sede do Grupo Amigos da Fotografia, residência de Elza e João Rossato: uma ilha de sonhos e fantasia escondida no Jardim Anhanguera.

Durante os 8 anos de existência do Grupo, além dos eventos citados, foram realizadas 298 exposições de temas variados e 96 cursos de fotografias. O GAF participou, ainda, de 106 concursos nacionais e internacionais de fotografia, obtendo premiações importantes.

FAZENDA VASSOURAL

“Fazer história é o que nos diferencia de todos os outros seres deste planeta, porque nos transforma em agentes que têm, na memória e na identidade com os demais, tudo aquilo que possibilita o diálogo e a comunicação”.

Maria Rita da Silva

“O passado manda lembrança”, obra em dois volumes, é mais do que um apanhado de fotos antigas, compondo pares com fotos atuais, capturadas nos mesmos locais: ela é também fruto de muita pesquisa, conversas, telefonemas, troca de e-mails, gasto com gasolina e tempo, muito tempo de dedicação e vontade de fazer história.

Para a composição desse segundo volume, por exemplo, o fotógrafo e analista de sistemas, Émerson Cavallari (conhecido como Branco Cavallari entre os fotógrafos) conseguiu, junto aos arquivos do Centro de memória e Museu Histórico da FMRP-USP, três fotos antigas que tinham o perfil exigido pelo trabalho do GAF- Grupo Amigos da Fotografia.

Mas a arquitetura de uma delas não correspondia à arquitetura atual: uma constatação em discordância com o que publicaram os livros existentes até hoje.

Ao procurarmos informações junto à Diretora do Museu do Café, Maria Helena, ela nos encaminhou até o arquiteto Denis Esteves que há muito discordava da informação — “Casa do Administrador da Fazenda Monte Alegre” — que constava junto da foto antiga, e que agora sabemos se trata de uma foto da Fazenda Vassoural.

Denis afirmou que desde 2004, andava buscando, com cópia de uma foto na mão, a verdadeira fazenda: ele tinha somente a idéia de onde seria.

Unindo forças em busca da verdade, o fotógrafo Branco Cavallari — utilizando um mapa feito via fone por Rogério Bobato, que trabalha em Pontal, com informações do Denis — integrou um grupo dirigido pela Diretora do GAF, Elza Rossato, e se dirigiram até o local: mas nem com a boa vontade da administradora da Fazenda Vassoural, Sra Maria Amélia, foi possível a captura das fotos, sendo necessária a autorização expressa dos proprietários.

Foi então que o Diretor do GAF, o fotógrafo AC Tórtoro, com uma ligação telefônica para os proprietários, obteve permissão para capturar as imagens atuais da Fazenda Vassoural, tendo em vista terem eles compreendido a importância da presença da foto desse local, em uma obra de tamanha envergadura e valor histórico para a cidade de Ribeirão Preto e região.

Só a descoberta e publicação desse tesouro — a sede da Fazenda Vassoural, em Pontal, preservado por mais de cem anos — e a possibilidade de, com sua foto, elucidar um fato por tanto tempo nebuloso em nossos compêndios — a informação mais antiga e incorreta data de 1911, publicada na Brasil Magazine — já é mais do que suficiente para tornar a publicação do segundo volume do livro “O passado manda lembrança” um marco na história da fotografia documental de nossa cidade.

A foto da antiga (e da atual) Fazenda Monte Alegre também consta do livro, graças à colaboração da Ivani, coordenadora da antiga casa do administrador, atual Centro de Visitantes do campus USP-RP.

Enfim, esse trabalho só pode tornar-se realidade graças ao trabalho de uma equipe dirigida brilhante e incansavelmente pela Diretora Elza Rossato e presidida pelo competente fotógrafo, João Rossato.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: FERRO, GENTE & LIVROS

“Todo el mundo me dice que tengo que hacer ejercicio. que es bueno para mi salud. Pero nunca he escuchado a nadie que le diga a un deportista: tienes que leer “

José Saramago

Esse pensamento de Saramago aflorou-me à mente quando entrei pela primeira vez em uma academia, e constatei a beleza dos corpos e dos equipamentos: “Todo mundo me diz que eu tenho que me exercitar. É bom para a minha saúde. Mas eu nunca ouvi ninguém dizer a um atleta: você tem que ler”.

Sempre li muito, mas nunca pensei seriamente em me preocupar com passar horas sobre uma esteira, fazendo abdominais, flexões, enfim, tudo aquilo que se faz num templo onde se cultua o corpo.

Eu sempre dei prioridade a outros templos (bibliotecas).

Puxar ferro, nem pensar.

Tanquinho, nem nos melhores sonhos.

Eu só malhava a mente.

Faltava o equilíbrio: *Mens sana in corpore sano* .

Depois de alguns dias frequentando uma academia, percebi que não existia antagonismo entre ler e malhar: muito pelo contrário.

E resolvi, juntamente com minha esposa, Lu Degobbi, transmitir esse meu sentimento em forma de fotografia, acreditando que, entre a máquina (ferro) e o livro, sempre poderá existir um ser humano (gente) consciente, preocupado com uma melhor qualidade de vida.

E o resultado é a exposição “Ferro, Gente & Livros”, composta de 28 fotos, 30 x 40, coloridas, sempre, cada uma delas, buscando composições entre partes da máquina, do corpo humano, e a presença, quase despreziosa, mas muito importante, de um livro.

Cuidei da criação e produção, deixando para minha esposa a tarefa de clicar, de registrar cada um dos momentos que só se tornaram realidade com o apoio da BPM Academia (espaço e equipamentos) e da Livraria Paraler (livros).

Aos modelos , alunos do Colégio Anchieta, Henrique Carreira Martins, João Vitor Zaniolo de Oliveira, Luiz Vilas Boas Garcia Brasil, Bárbara Pereira Ramos, e à frequentadora assídua da BPM, Paula P. Diniz, nossos sinceros agradecimentos por acreditarem em nossos objetivos e ideia.

Não pretendemos com nosso trabalho dizer aos atletas que eles têm que ler, e nem dizer aos leitores que têm que frequentar uma academia.

Mas deixamos a sugestão.

“Ao posar para Playboy, Ana Paula Oliveira ousou desafiar o establishment mais machista do Brasil: o do futebol”.

Ruy Castro

Num domingo de primavera, de céu nublado, o gramado do Clube de Regatas recebeu uma visita ilustre e ansiosamente esperada : Ana Paula de Oliveira.

No seu uniforme cor-de-rosa da Umbro, nada tinha de fictícia, como a pantera nascida na década de sessenta e que vinha sempre acompanhada, nas telas, da famosa The Pink Panther Theme, de Henry Mancini e Waltel Branco.

Rodeada de crianças — pós-moderna Branca de Neve e dezenas de anões — e sob o olhar de milhares de marmanjos, a árbitra mais bonita do Brasil roubou a cena durante as quase duas horas da partida disputada entre Tupy e Califórnia.

Ninfa única, rodeada de sátiros sedentos de bola, tendo ao fundo um cenário composto pelo denso arvoredo da beira do Pardo, Ana Paula flutuou, em curtas corridas graciosas, sobre o tapete verde, às vezes transformando-se em sereia — ser mitológico parte mulher e parte peixe ou pássaro — com seu canto interrompendo por momentos a partida de futebol.

É muito difícil prestar atenção no jogo quando Ana Paula está apitando.

Mas o mais incrível é que investida quase sempre de uma simplicidade infantil e ingênua, de repente ela se transforma numa beleza transbordante de autoridade, levanta firme e elegantemente um cartão vermelho ou amarelo, e, logo a seguir, afasta-se da disputa de bola, quase sempre com um sorriso de Madona que cala qualquer tentativa de agressão física ou verbal.

E eu fiquei ali, bem perto da “Musa do apito”, o tempo todo com a minha Nikon D 70, garimpando um gesto, um olhar, um sorriso, uma atitude, um deslize, um momento enfim que merecesse ser capturado e imortalizado digitalmente por minhas lentes, como um J.R. Duran da várzea do Rio Pardo.

Terminada o jogo — com a vitória do Tupy, campeão da Série Ouro da Copa Regatas de Futebol — acordado do sonho, volto à realidade dos preconceitos humanos e continuo não entendendo porque Ana Paula, profissional competentíssima, somente por ter posado nua na Playboy, está sendo alijada das partidas de campeonatos oficiais.

Como não vivemos mais em época de repressão como nos tempos de Leila Diniz — aquela que quebrava tabus — espero que essa mulher ousada, jovem e bonita, vítima de uma

minoria machista de plantão — mas ao mesmo tempo amada e aplaudida pela grande maioria dos amantes do futebol — possa, no menor tempo possível, voltar a enfeitar de cor-de-rosa a estreita faixa junto à linha lateral do gramado de nossos maiores estádios, que já se preparam para a Copa do Mundo de 2014, século XXI.

GRUPO AMIGOS DA FOTOGRAFIA NA NOIVA DA COLINA

“ ...Sacode os ombros nus, ó Noiva da Colina, que a luz da madrugada encheu o lago céu, e arranca-te das mãos o manto da neblina, que ondula sobre o rio, enorme e solto véu...”

Poema “Piracicaba”

Depois de pouco mais de duas horas de viagem, muita chuva e raios pelo caminho, e no entardecer de uma sexta-feira de março, estávamos nós, do Grupo Amigos da Fotografia, mergulhando no vale do rio Piracicaba.

Foi inevitável a lembrança da composição de Sérgio Reis: “O rio de Piracicaba vai jogar água pra fora / quando chegar a água dos olhos de alguém que chora.

E dez vozes — Elza Rossato, Lu Degobbi, Sonia Franco, Dennis Esteves, Carol Silvestres, Guilherme Bordini, Con Vieira, AC Tórtoro, Vinicius Gabarite e Cleide Gabarite — se juntaram em desafinada e desordenada cantoria, sem tirar a atenção do Amendoim, motorista da Van, da Secretaria Municipal da Cultura, cedida pelo Dr Corauci Sobrinho para que representássemos a fotografia ribeirãopretana no lançamento oficial do Foto Clube Piracicaba, atendendo ao convite do seu presidente, Carlos Mendes.

Fomos recepcionados, no início da noite, no SESC – Serviço Social do Comércio, na rua Ipiranga, depois de cruzarmos o rio Piracicaba, cantado nos versos de Jahyra Boucault Arruda em “Alma de um povo “ : Águas do Rio Piracicaba ! / Caprichando nados / Mandís, corumbatás / Piracanjivas / Cascudos e dourados / Travessos lambaris / E colossais pintados / Tantos peixes mais / Piracicaba – onde o peixe para — o nome da cidade é de origem tupi-guarani e seu significado é “lugar onde o peixe para”, numa referência às grandiosas quedas do rio que corta a cidade, bloqueando a piracema.

É impossível — ao percorrer algumas ruas da antiga Vila Nova da Constituição, elevada à categoria de cidade em abril de 1856 — deixar de se perceber a beleza e a história silenciosa contida nos antigos edifícios dessa região onde habitavam os índios Paiaguás, e que era ponto de apoio às embarcações que desciam o rio Tietê e daria retaguarda ao abastecimento do forte de Iguatemi, fronteiro ao território do Paraguai.

E mais impossível ainda é não sentir o carinho e a calorosa acolhida do povo piracicabano, em especial, a dos fotógrafos do novo foto clube que, a partir de agora, se propõe a tornar realidade um sonho nascido na década de noventa, como afirmou seu presidente na chegada do nosso grupo.

Depois de apresentação em data-show, homenagem ao fotógrafo Manuel Lopes Alarcón, salgadinhos, cerveja, refrigerantes e muitos cliques, deixamos a acolhedora sede do SESC, — sem a proteção do “véu da noiva”, manto de neblina que caracteriza a região nas épocas mais frias, cantado em versos por Brasílio Machado, da Academia Brasileira de Letras, em seu poema “Piracicaba” — rumo a Ribeirão Preto, já quase na madrugada de sábado.

Na volta, o burburinho da festa que reuniu fotógrafos de Piracicaba e região e seus convidados, — Foto Clubes de Ribeirão Preto (GAF) , São Paulo (Luminous e Confederação Brasileira de Fotografia – Ourivaldo Barbosa do Valle) e Sorocaba (Grupo Imagem – Edeson Sousa) — e a agitação dos bares da Rua do Porto, foram ficando para trás, deixando em seu lugar uma sensação agradável que somente o encontro fraternal entre amigos dessa arte pode proporcionar.

LÁPIS DE COR

Eu gostaria de viver sem preocupações, rodando o mundo tirando fotos.

Esse desejo me faz pensar em equipamentos sofisticados, máquinas fotográficas de última geração, e em lápis de cor.

Um presente inesquecível que recebi, e não me lembro de quem, foi uma caixa de lápis de cor: muito provavelmente era produzido pela Johann Faber.

Ela, ao abrir-se ao meio, como se fora um livro, apresentava duas partes, com duas camadas cada uma, de doze lápis: 48 lápis, 48 cores, 48 mundos de beleza e nuances, de degrados, de opções para riscar o papel e criar.

Nem se pensava em existir o photoshop com suas “variations”: more green, yellow, cyan, red, blue, magenta e opções lighter e darker: o mundo, aliás, na minha infância de filho de comerciário, não era nada colorido.

Mas ganhei uma caixa de lápis de cor.

Com ela descobri que existiam diversos verdes, descobri que todas as cores poderiam ser claras ou escuras, descobri que o branco, reunião de todas as outras cores, não servia para nada, e que o preto, apesar de representar a ausência de cor, era o que mais forte deixava suas marcas na página branca e virgem à minha frente.

Aquela caixa era o início, em minha vida, de um pacto com a arte, com a cultura, com o estético, com o belo: era o meu arco-íris particular. Naquela caixa com longos cilindros coloridos, encontrei, pela primeira vez, a maneira de me expressar e de me comunicar com as pessoas por meio da arte, do desenho, num ritual inesquecível de aliança com o sublime, com o intocável, com o místico.

Descobri, depois, na escola, a decomposição da luz via prisma, em sete cores, e sua recomposição inicial num Disco de Newton, e senti que o mundo era feito de cores, apesar de todas as dificuldades e dissabores de uma adolescência pobre, convivendo com jovens abastados, advindos de famílias tradicionais da cidade, no Otoniel Mota.

E agora, componente que sou do Grupo Amigos da Fotografia, ganhei nova caixa de lápis de cor em forma de uma D70, da Nikon, e um programa de computador, o Photoshop: um arco-íris de milhões de cores, à disposição de quem desejar encontrar um pote de ouro ao utilizá-lo.

Desde o início de 2007, com minha caixa de lápis e programa eletrônicos, pintei Carnavais de Ribeirão Preto, pintei o prédio da colônia de férias do Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo, pintei cenas das areias da Praia Grande: e transformei tudo isso em exposições abertas ao público ribeirãopretano.

Mas, apesar de todo esse colorido atual em minha existência, chegando aos meus sessenta e dois anos, sinto, às vezes, uma tendência muito forte para voltar ao preto e branco, às origens da fotografia, no século XIX, e às suas primeiras formas que se popularizaram: o daguerreótipo, porque a foto em PB é forte, dramática, rica em nuances e detalhes: é adoravelmente misteriosa e muito mais colorida do que se possa imaginar, tendo em vista que, nos tons de branco, leva todas as demais cores do espectro e, no preto, a ausência total delas.

LATA MÁGICA

Desde os primeiros comentários de que a digital iria chegar, acompanhei as notícias como um índio , que ao ver o homem branco atravessar sua floresta com os trilhos de trem, apenas observa, e quando o trilho finalmente fica pronto, ele coloca o ouvido no trilho para ver se vem chegando a locomotiva.

Eu nada pude fazer para impedir o avanço das digitais: e elas, como um trem, arrastaram tudo que viam pela frente, filme , papel , laboratórios e laboratoristas, e até lâmpadas de ampliadores e projetores de slide: verdadeiro tsunami na vida dos antigos fotógrafos..

Na esperança de conseguir resistir ao avanço das novas tecnologias fotográficas, e usufruir mais um pouco da pouca vida que me resta , fui à busca de varias técnicas alternativas, sempre com o sonho de poder continuar fazendo as oficinas de fotografia na lata, e fotografar, também, somente com uma latinha.

Mas a cada dia tornava-se mais difícil encontrar papel apropriado.

Todos os fotógrafos que eu conhecia já haviam me dado, ou vendido, os restos de papéis fotográfico que tinham possuído.

O poço estava sem água , mas eu continuava com sede.

Numa tentativa desesperada, tentei então emulsionar o próprio papel.

Na Casa das Mangueiras, consegui, gentilmente, que me cedessem o papel reciclado, e, então, fui atrás de algumas químicas que me faltavam.

Após longas buscas, consegui encontrar a desejada base de metais , mas ela ficava muito cara: R\$ 50,00 o grama do " Cloropoladito de Sódio ".

Voltei à estaca zero.

Pensei em parar de fotografar: mas como é possível parar de respirar?

E foi numa noite de insônia que passei a pesquisar sobre químicas fotográficas: e eis que em minha mente vislumbrei a chave que abriria as portas para a minha liberdade de fotografar à minha maneira.

Pois vejamos.

Se no papel colorido, ainda existente no mercado , podemos encontrar a emulsão, então deverá ser possível , por meio de testes, descobrir se é possível trabalhar com ele.

No primeiro teste ele "velou", ou seja, ficou todo preto.

Tentei novamente, e na segunda tentativa ficou cinza.

Fui diminuindo a quantidade do agente revelador, e aumentando o antioxidante, ou seja, o Sulfito de Sódio e Brometo de Potássio.

O resultado melhorou muito , mas ainda estava cinza. Foi quando pensei em aplicar um banho de branqueador.

O resultado foi incrível. Eu me perguntava, atônita e feliz, como alguém não havia tido essa ideia antes ?

E assim, sem egoísmos, sem querer guardar esta descoberta somente para mim ,
repasso a todos a formula desse revelador que pode criar em um papel colorido, imagens que
foram expostas a luz através de um furinho de uma agulha.

ELZA ROSSATO

GRUPO AMIGOS DA FOTOGRAFIA DE RIBEIRÃO PRETO

MAPA CULTURAL PAULISTA : UMA PIADA ESTADUAL

Pela primeira vez participei, como observador, de um Mapa Cultural Paulista.

E não gostei nem um pouco do que vi.

O objetivo é nobre: fomentar as atividades artísticas por meio da interiorização do apoio institucional à produção, estimular o intercâmbio dos produtos culturais nas variadas regiões e democratizar o acesso do público a espetáculos de qualidade.

Mas, por falta de verba especialmente dirigida a sua realização, o Mapa Cultural me parece mais uma piada estadual.

Nos municípios não há verba para contratação de jurados e, então, a escolha é feita por gente da própria Secretaria Municipal, o que prejudica a lisura das escolhas: não basta ser honesta a mulher de César, precisa parecer honesta.

Na fase regional encontrei um corpo de quatro jurados — dentre os quais não havia um único fotógrafo —, que se propuseram a julgar ...fotografia, que, como afirmou um deles : “è uma arte difícil de ser julgada”.

Isso sem querer registrar , mas já registrando, que o regulamento é feito na medida da falta de verba (para economizar jurados) , ou seja, Artes Plásticas, Fotografia e Desenho de Humor são julgados como se fossem a mesma coisa (Artes Visuais) , o mesmo ocorrendo com Crônica, Poesia e Conto, considerados simplesmente Literatura, obrigando jurados a compararem artes não comparáveis, cada uma com suas especificações.

Esse desrespeito a cada uma das artes em particular e a falta de divulgação adequada na mídia local acabam gerando (como gerou em nossa região) uma queda nas participações em algumas áreas.

A impressão que fica é de que não há interesse, na fase municipal, de se receber um grande número de trabalhos porque uma participação maciça de artistas significa um problema para as SMC devido à falta de estrutura/verba, o que , em cadeia, faz diminuir o trabalhos nas fases regionais e final, servindo o Mapa Cultural, na sua atual conformação, somente para propaganda do Governador e sua Secretaria de Cultura, tendo em vista o número de panfletos e cartazes produzidos com inclusão de seus nomes.

Preservar a existência do Mapa nessas condições é parecido com o cumprir tabela nos campeonatos de futebol: fazer para não ficar a impressão de que o Governo não valoriza a cultura.

Não sei como se sentem os artistas das demais áreas culturais, mas posso garantir que, dentre os fotógrafos presentes ao evento ocorrido em Batatais, a insatisfação é grande, ficando mais preocupante ao ouvirmos um dos jurados dizer que nós, fotógrafos, não sabemos fazer fotografia, segundo ele: uma arte em que o fotógrafo moderno deve saber cortar, colar, compor partes da fotografia. Ou seja, pelo que pude inferir de tão preconceituosa afirmação,

fotografia deveria ser uma arte sem um fim em si mesma, mas um meio para servir às outras artes visuais ...

Penso que, para o bem da cultura municipal, regional e estadual, devem se reunir os fotógrafos locais para exigirem um maior respeito à arte fotográfica, que promovam eventos (Simpósios ?) para discutir quais as características que tornam a fotografia uma arte do mesmo nível das demais que compõem as Artes Visuais, e que os Secretários de Cultura unam forças para exigirem verbas estaduais a fim de não deixarem morrer o Mapa Cultural Paulista devido à precariedade das condições (baseados num regulamento inadequado à realidade e sem verbas para convocação de profissionais específicos de cada área) em que são julgados os trabalhos apresentados: é como colocar técnicos de futebol, basquete e vôlei para arbitrar um jogo de handebol.

Com a palavra os representantes da Abaçai Cultura e Arte, organizadora do evento.

Antes que 2011 termine, desejo aos meus leitores um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de realizações.

MINHA CATARATA DUPLA

"A maior parte das pessoas olha mas não vê".

Damián Bayón

Acima de 55 anos podemos, geralmente, ter problemas de catarata: cristalino opacificado, que impede total ou parcialmente a visão dos raios de luz.

Eu, já nos meus quase sessenta anos, apesar de usar óculos, enxergo razoavelmente bem sem eles: a minha catarata, na realidade, era de outro tipo, não detectável pela Medicina.

Depois de conhecer Elza e João Rossato, meus primeiros Mestres fotógrafos, do Grupo Amigos da Fotografia, passei a ver o mundo como o vê um paciente que acaba de sair de uma cirurgia de catarata dupla: nos mínimos e maravilhosos detalhes.

Hoje, depois de um ano como fotógrafo, estou descobrindo pequenas grandes joias da obra imensa do Grande Arquiteto, do Incomparável Joalheiro.

Um exemplo dessa minha mudança de comportamento tem ocorrido durante meus fins de semana no Regatas. Lá, eu sempre andava por entre os arvoredos e jardins, admirando, sim, a natureza, a beleza do rio Pardo, os bandos de aves migrantes, mas nunca notava detalhes, nuances, contrastes, brilhos, contornos: eu via o geral.

Agora eu paro para olhar uma teia de aranha, um broto de bambu, a folha amarela do coqueiro destacando-se no verde, um fruto vermelho em simetria com uma pequena flor branca, perdida no meio do gramado, cogumelos, folhas secas, galhos quebrados, insetos, flores, recantos escondidos do olhar dos passantes menos atentos.

Na minha semana de férias no litoral paulista, acordei às cinco da manhã para fotografar o alvorecer, registrar os primeiros movimentos na praia, ouvir os primeiros cantos dos passarinhos e apreciar o revoar dos pombos sobre os coqueiros da avenida litorânea: e registrei o nascer do sol que se apresentou, como sempre, estonteante, enquanto a maioria das pessoas dormia.

Não ando mais sem uma câmara fotográfica ao meu alcance: em tudo busco encontrar motivo para uma boa foto.

Aprendi a escrever com luz e não desejo parar tão cedo.

Serei, mais uma vez, e como sempre, um eterno aprendiz, ouvindo os conselhos e orientações do Antônio Carlos Sales, viajante no eixo Santos-Ribeirão, do Carlos Natal, fotógrafo oficial da Prefeitura Municipal, da Sônia Maria Franco, do Dr. Luiz Fernando Gaya, do amigo/irmão Marco Pires, da Espaço, e de todos que se propuserem a dividir comigo seus conhecimentos na arte de Daguerre.

Minha mais recente aula prática ocorreu em plena avenida Mogiana, com mais oito colegas do Grupo Amigos da Fotografia, num trabalho que produziu quase mil e duzentas fotos — das quais quarenta estão fazendo parte de uma exposição aberta no Palácio Rio Branco — depois de uma jornada de oito horas de muitos cliques, muitos acertos de focos, aberturas, velocidades, chuva, vento, posições incômodas, intromissões abruptas entre as lentes e as imagens a serem capturadas, muita dor nos pés e nas pernas, muita adrenalina despendida para obtenção das melhores imagens.

Meu problema de catarata mental está resolvido: vejo o mundo com novos olhos.

MUDANDO E MARCANDO

“O cérebro humano mede o tempo por meio da observação dos movimentos”

Airton Luiz Mendonça, em um de seus artigos no Estadão, afirma que é muito importante mudar, fazer algo diferente e que marque, fazer um ritual, uma festa ou registro com fotos, tornando assim momentos usuais em momentos especiais.

Agindo assim, continua ele, o tempo vai parecer mais longo, e, se tiver sorte de estar casado (a) com alguém disposto(a) a viver e buscar coisas diferentes, seu livro de vida será muito mais longo, muito mais interessante e muito mais vivo do que a maioria dos livros da vida que existem por aí.

E foi assim que fizemos, minha esposa e eu, num sábado nublado de outubro, em plena Praça XV de Novembro: fotografamos por mais de duas horas a apresentação de um grupo de capoeiristas de Ribeirão Preto — o Grupo Cativoiro — e região.

As imagens capturadas — mais de 450 — por fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia, permitiram-nos prolongar nossa satisfação diante da multiplicidade de movimentos ágeis, ricos em componentes acrobáticos, feitos com frequência junto ao chão, de cabeça para baixo, e, por vezes, complicados para o leigo.

Desenvolvido por escravos africanos trazidos ao Brasil, juntamente com seus descendentes, a capoeira, dentre outras expressões culturais — luta, dança, música — cuja existência em nosso país devemos aos negros, foi escolhida para homenageá-los em novembro: Dia da Consciência Negra – 20 de novembro.

O resultado de uma série de fotos, registrando atividades da cultura negra em nossa cidade, e que serão capturadas até o final do ano, resultarão em exposição na Casa da Cultura, em janeiro de 2008, como evento paralelo ao 2º. Salão Nacional de Fotografia de Ribeirão Preto.

Terminada a sessão de fotos, perdura em nossas mentes, nos dias seguintes, o jogo de lúna, os “balões cinturados”, os dorsos suados e brilhosos, os saltos, as piruetas, as firulas, as paradas-de-mão, ao som característico dos berimbaus, da batida do atabaque, do ritmo do pandeiro, das palmas e do canto ritmado: um sonho sem fim.

O desenvolvimento de propostas de trabalho como essa, da fotógrafa Elza Rossato, enriquecem as páginas de nosso livro de vida e permite a cada um dos participantes desse desafio, a satisfação de estar fazendo, não somente a sua história, mas marcando presença na história maior de sua cidade.

MULHERES E A FOTOGRAFIA

“A fotografia é uma linguagem fascinante porque todo mundo tem acesso a ela: então a considero absolutamente democrática”.

Simonetta Persichetti - Fotógrafa

Ainda lembrando das mulheres no Dia Internacional a elas dedicado.

De acordo com informações da Coleção Folha Grandes Fotógrafos, não é fruto do acaso que o século XX — quando a revolução feminina foi a mais transcendental — tenha visto nascer excelentes fotógrafas. A espontaneidade da arte fotográfica com grandes mestres autodidatas e sem estruturas rígidas dominadas por homens, livrava-as das habituais barreiras. As mulheres encontraram um espaço mais livre e acessível nesta disciplina artística. E souberam responder com muitos trabalhos de extraordinária qualidade, que superam os de seus contemporâneos do sexo oposto. Dorothea Lange (pioneira entre as mulheres fotógrafas – 1895 / 1965) , Margaret Bourke-White, Tina Modotti, Lee Miller, Dora Maar, Gerda Taro, Diane Arbus, Mary Ellen Mark são apenas alguns nomes. Suas vidas, porém, mostram que não estavam isentas das dificuldades adicionais do fato de serem mulheres.

Hoje em dia, pelo ipad ou celular, qualquer pessoa fotografa, dentre outras coisas, a capa do livro, a lousa do professor, o modelo de vestido, a tela da TV...

A importância da fotografia é apresentar esse fascínio, esse poder que ela, particularmente tem. Ela está na mão de todos, ela é generosa, democrática e, ao mesmo tempo, ela traz o mundo para muito perto.

E você pode fazer arte com a fotografia, escrevendo com luz e o coração, como tem feito nessa primeira década do século XXI, em Ribeirão Preto, a mestre, Elza Rossato e a carismática Lu Degobbi, no Grupo Amigos da Fotografia.

Elza, atual presidente do GAF, começou suas atividades fotográficas em Ribeirão Preto na década de 80, quando o falecido João Rossato, então um jovem apaixonado por fotografia, mudou - se para Ribeirão Preto. A partir daí — com a criação, em 2000, do GAF- Grupo Amigos da Fotografia — várias exposições foram feitas, e bienais/salões nacionais foram trazidos para nossa cidade.

Quanto a Lu Degobbi, discípula de Elza, apaixonou-se pela Arte de Daguerre ao acompanhar as atividades literárias de seu esposo, AC Tórtoro, que, além de fotografar, desenvolveu a arte de compor versos diante das imagens fotográficas dos componentes do GAF. Lu, que por uma década, amadoramente, clicou eventos da ARL- Academia

Ribeirão Pretana de Letras, passou a ver na fotografia uma oportunidade de dividir com as pessoas sua maneira mágica e sensível de ver o mundo.

Enfim, a premiada Elza Rossato e a aprendiz Lu Degobbi podem, pela experiência adquirida e pela qualidade do trabalho que apresentam, serem estimuladoras da participação feminina em um espaço ainda dominado pelos homens.

NÃO CRITIQUE : FAÇA

A convivência em qualquer grupo de pessoas é sempre cheia de percalços, mesmo, ou principalmente, quando ele é considerado uma grande família.

Criticar é fácil, fazer é sempre muito mais difícil, complicado.

Recentemente, o Grupo Amigos da Fotografia participou de um evento da STB, expondo fotos de alguns de seus fotógrafos, tendo como tema : Bossa Nova.

A ideia desse trabalho surgiu de uma conversa informal com uma ex-aluna do Colégio Anchieta , Ananda, que me procurou a fim de trocar ideias sobre um evento que ela está organizando na FEA-SP. No dia em que conversamos, notei que nada havia de fotografia no evento em questão e então, sugeri: passe-me nomes de músicas importantes, que marcaram a Bossa Nova no Brasil , e , então, pedirei à Elza Rossato, Diretora de Fotografia do GAF , para que repasse aos meus colegas as letras, para que essas letras sirvam de motivação para clicagem de fotos: uma experiência que implica boa dose de bom gosto, sensibilidade, envolvimento e, principalmente , vontade de participar de mais esse evento cultural de nossa cidade.

E Elza levou, como sempre, e de forma impecável, o recado a Garcia.

Orientados, motivados, envolvidos, cobrados por ela, 22 trabalhos ficaram prontos antes do tempo previsto.

No STB ouvimos a música de Eduardo Junqueira, violão e voz, Bossa Nova e MPB da melhor qualidade.

Fomos agraciados pela apresentação fina e requintada da artista Eliane Ratir.

Conferimos o bom gosto na decoração e arranjos do pessoal do Matheus Tozzo.

Deliciamo-nos com o café da manhã preparado com carinho pelos nossos anfitriões.

Mas nossa participação seria impossível não fosse o desempenho da Diretora de Fotografia do GAF.

Apesar das críticas infundadas e dos comentários maliciosos e maldosos sobre alguns aspectos dos trabalhos desenvolvidos na sede do GAF, que a magoam profundamente, Elza não desisti.

E é importante que não desista: ela é a força-motriz, a alma, o coração de toda uma equipe que precisa fazer a sua parte: dar ideias, criar, sugerir, correr atrás, despender um pouco mais de tempo e dinheiro, enfim , fazer, no sentido mais lato da palavra.

Fotografia é um hobby caro, o estúdio particular de Elza e João Rossato, como o que está à disposição na sede do GAF, não pode ser utilizado por outros fotógrafos como se fosse próprio e de acordo com interesses individuais — trabalhos na sede têm que ser

disponibilizados para todos os membros que assim o desejarem — condições especiais que exijam vestuário, móveis, tapetes, luzes, refletores devem , sempre, ser providenciadas pelos membros, em equipe .

Elza não pode fazer tudo: ela deve fazer a sua parte, e o faz , sempre , com muita eficácia e eficiência.

E aqui vai um recado para a mais séria, experiente e competente Diretora de Fotografia: os cães ladram , e a caravana passa.

O QUINTAL DE ORUNMILA

***“ ORUNMILA ! Testemunha do destino,
segundo depois de Olodumare (Deus);”***

Louvor de Orunmilá

Sábado, numa tarde de calor insuportável, quase sufocante, fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia — Sônia Franco, Con Vieira, Elza e João Rossato, Jorge Denner, Lu Degobbi e AC Tórtoro — partimos para nossa maior missão daquele dia : fotografar uma apresentação de dança.

A umidade do ar era similar à de um deserto.

Depois de uns quinze minutos de asfalto, entramos no Centro Cultural Orunmilá — um terreiro de Candomblé que abriga uma ONG, com objetivos de difundir a cultura negra ,atendendo a um convite de Mãe Neide e do Pai Paulo — acompanhados de um amplo sorriso do radialista Dias Gomes, onde fomos acolhidos pelo abraço carinhoso do nosso amigo e músico, Jorge Nascimento (mentor intelectual das homenagens que o Grupo Amigos da Fotografia está organizando para final de dezembro, início de janeiro, em Ribeirão Preto), e ciceronizados pela meiga e gentil Renata.

A cortesia com que fomos recebidos permitiu a todos nós nos sentirmos em casa e, com permissão concedida, passamos pelo meio de um grupo de estudos, formado por jovens, e fomos em direção a um quintal bem arborizado.

O ambiente fez-me lembrar de que eu havia lido que as plantas, a mata, aos olhos do nagô é um convite à reflexão e à purificação. Dizem que não se entra na mata sem antes pedir licença e presentear-la, a mata é, antes de tudo, um Deus vivo e com vontade própria, e, só se encontra na mata aquilo que a mata mostra, portanto, é preciso conversar, dialogar, entrar num acordo, por que não se entra na mata em vão, não se pega mais folhas do que o preciso, não se caça o desnecessário, não se destrói, não se suja,não se maltrata.

Kosi ewe, Kosi Orisa.

E assim como Orunmilá foi ao céu apanhar todas as folhas, lá fomos nós, depois de uma pedido de licença, silencioso e respeitoso, começar a capturar todas as fotos que nos foram oferecidas pelo local e pela movimentação do grupo de Dança Afro.

E aquele espaço foi generoso, nos mostrando tudo aquilo que podia mostrar: não entramos ali em vão, não capturamos mais fotos do que as necessárias — para uma exposição a ser realizada em homenagem ao Dia da Consciência Negra, no dia 20 de novembro — não destruímos a beleza do momento — só o conservamos nas lentes e memórias de nossas

digitais — não sujamos e nem maltratamos — muito pelo contrário — tratamos com muito carinho, no photoshop, cada uma das imagens que continuaram, ante nossos olhos, a emitir o som tradicional dos atabaques, chocalhos e tambores, e do berimbau de Mestre Fumaça.

E depois de uma experiência desse tipo, ficamos encantados por vários dias: sonhamos com figuras míticas, clicamos imagens inimagináveis, viajamos por lugares nunca dantes visitados, e acordamos com uma vontade enorme de voltar ao computador e “garimpar”, sempre mais uma vez, dentre centenas de fotos, aquela mais brilhante, a mais significativa, a mais intrigante, a mais surpreendente e inédita: é muito bom o poder encontrar a mão de Deus onde muitos só conseguem ver o descartável.

PHOTOS

(Prefácio do livro "O Passado Manda lembrança I")

"As coisas das quais nos ocupamos, na fotografia, estão em constante desaparecimento e, uma vez consumado, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las reaparecer"

Henry Cartier Bresson

Cento e cinquenta fotos : setenta e cinco em branco e preto e setenta e cinco coloridas.

Cento e cinquenta anos de uma cidade e setenta e cinco olhares, reflexões do poeta, sobre fotos que contam um pouco da história dela.

Olhar *photos*, isto é, fotografias antigas — é perder-se num mar de sensações indescritíveis, reflexões, ideias, emoções variadas , sentimentos indecifráveis.

Observar photos é como ver lagartas ainda em casulos, pautas musicais intocadas, barcos ancorados, comida no prato, botão que não se abriu, carta sem remetente, pontes, rios

Analisar photos é sentir-se fórceps invadindo útero e dele retirando antigas primaveras, frios invernos, romances desfeitos, seios perfeitos, calos doloridos, ogros e unicórnios.

As photos falam caladas, seus conteúdos esfacelam-se como asas de mariposas ao serem tocadas por nossos olhares mais profundos, elas são cosmos a serem conquistados, vinho a ser sorvido, ar a ser respirado, companheiras de vigília.

Enfim , as photos são aquilo que você desejar que sejam, caixas de Pandora, cujos conteúdos só dependem da sensibilidade de quem as observa.

Não existem fotografias do presente e do futuro: as fotos reveladas são sempre do passado, um passado — próximo ou distante — que não volta mais.

Olhar e ver uma fotografia é ser todo ouvidos no momento da observação, é entregar-se por inteiro à própria atenção como receptáculo, totalmente vazio, prestes a encher-se com o rico e inesgotável conteúdo dela, é sentir que, naquele momento, poder-se-á atingir a derradeira perfeição na arte de ver.

Mergulhados que estamos hoje, num mundo de imagens invasivas, muitas de mau gosto, que se apresentam e desaparecem aos nossos olhos com a rapidez que só a TV e a Internet permitem, acostumamo-nos a não ver, a não dar a devida atenção a essa multiplicidade de cores e luzes.

Mas numa exposição fotográfica é diferente : é preciso ver o coro de mil cores contidas, inclusive, nas fotos em branco e preto, ligar a alma a determinados detalhes e deixar que eles penetrem seu espírito, buscando encontrar ali a perfeição procurada pelo fotógrafo/artista no momento do flash revelador.

PREFÁCIO DE PIACEVOLEZZA

Três anos antes, já ouvíamos comentários, na cidade, a respeito da futura venda do prédio do Colégio Santa Úrsula , na rua São José.

A especulação imobiliária pressionava nesse sentido tendo em vista estar o imóvel num dos quarteirões mais valorizados da região central de Ribeirão Preto.

Pressentindo a demolição inevitável, sugeri aos alunos que, numa das gincanas culturais que eu organizava , como Coordenador Pedagógico, que uma das tarefas seria a captura, por parte de cada uma das quatro equipes, de, pelo menos, dez fotos em PB, dos detalhes que mais chamassem a atenção deles naquele momento.

E assim, obtivemos uma coletânea de olhares de alunos da época, que nos deixaram um legado importante de um tempo que não volta mais.

Passados mais de quinze anos, ao revolver papeis e documentos arquivados, encontrei dezenas dessas fotos, e resolvi torná-las públicas.

Primeiramente divulguei algumas delas pela Internet e recebi dezenas de e-mails de ex-alunos que se emocionaram ao ver as imagens que, apesar da qualidade duvidosa, traziam em si um potencial enorme de saudade, e levaram alguns deles às lágrimas, segundo seus depoimentos.

Levei-as então para Elza Rossato, Diretora do Grupo Amigos da Fotografia de Ribeirão Preto, para que ela escolhesse algumas para serem ampliadas e, dentro do possível, retocadas. Profissional competente e respeitada por todos que admiram a arte fotográfica, ela fez um trabalho importantíssimo de recuperação de imagens. O objetivo era fazer uma exposição das 22 fotos, em PB , selecionadas por ela.

Por falta de verba, o sonho de expor esse material teve que esperar por quase três anos, até que, numa visita de cordialidade da diretoria do GAF ao Secretário Municipal da Cultura, Dr Corauci Sobrinho, que tomava posse no início de 2008, tivemos a grata surpresa de encontrar nele o mecenas que , juntamente com Chain Zaher, controlador do "Sistema COC de Educação e Comunicação", e Edwaldo Arantes, Superintendente do Instituto do Livro, tornaram realidade não só o sonho de expor as fotos mas de, também, publicá-las em forma de livro com 25 páginas de um primor invejável.

Esse livro é uma obra que preserva parte da memória educacional de uma cidade, Ribeirão Preto, que se destaca no contexto nacional pela qualidade e importância histórica tendo em vista o grande número de estabelecimentos confessionais de ensino que no início do século XX aqui fincaram raízes para, no campo da educação, prestarem sua colaboração para o progresso de toda a região.

Piacevolezza (que em italiano significa gentileza, afabilidade, simpatia, alegria, jovialidade — palavra muito usada por Santa Ângela em seus escritos) é um presente que Ribeirão Preto, e , em especial os ex-alunos do ISU – Instituto Santa Úrsula recebem nessa primeira década do século XXI.

PREFÁCIO DO PASSADO MANDA LEMBRANÇA II

(...) a essência da imagem é estar toda fora, sem intimidade, e no entanto mais inacessível e misteriosa do que o pensamento do foro íntimo; sem significação, mas invocando a profundidade de todo sentido possível; irrevelada e todavia manifesta, tendo essa presença-ausência que faz a atração e o fascínio das Sereias.

Maurice Blanchot

Revisitar o passado com múltiplos olhares é falar sobre a história em suas infinitas manifestações, é falar das ações e obras de grupos e indivíduos: é falar de luz, vida e amor.

Quando observamos um site ou revista sobre fotografias, notamos que o material capturado é, quase sempre, nosso antigo conhecido.

Mas o que torna, então, determinado fotógrafo ou fotografia mais interessante que outros?

Os olhares.

O olhar que encontra um detalhe interessante, o que invade a privacidade de coisas e pessoas, o que descobre e registra um fato inédito, o que vê por meio de um espelho d'água, o que revela ao mundo uma realidade local ou regional, o que agride desvendando rugas, o que, enfim, olha com os olhos do coração e da alma.

Fotografias são frutos de olhares, ou mesmo os próprios olhares e, como tal, agradem, agradam, dão prazer, provocam, desafiam, alegram.

E, dentre essas múltiplas formas de olhares, surge neste trabalho do Grupo Amigos da Fotografia, o re-olhar, o olhar novamente pelo mesmo prisma, pelo mesmo ângulo, no mesmo lugar, com a mesma luz, mas em épocas diferentes.

E eis revelada a mágica que encanta e faz refletir: poder capturar a ação do tempo sobre as coisas e pessoas, ficar imaginando como e o que motivou os fotógrafos que registraram o antes e o depois, sentindo-se parte do processo da criação divina — se, não criando, pelo menos registrando — capturando imagens para libertá-las inexoravelmente, acompanhadas de reflexões poéticas, para todos os leitores que amam e admiram a arte de Daguerre.

Como diz a escritora Ely Vieitez Lisboa, na página setenta, do volume no. 1 de “O passado manda lembrança” : “Já se disse que os artistas são as antenas do Universo. Eles captam as belezas do mundo, da Criação, por mais esconsas que possam estar. É um dom, uma aptidão, uma virtude.

O artista filtra as belezas do mundo, procura entender as complexidades dos seres humanos por meio de sua cosmovisão. Assim, ele está ligado, essencialmente, à sua obra de arte, porque ela é o seu olhar, a sua visão particular.

Ora, a foto é sempre uma espécie de metalinguagem artística, porque, se a vida é dinâmica, a foto capta um átimo de existência que se cristaliza por intermédio na visão do fotógrafo. Ele sempre fotografa o seu íntimo, a sua visão de mundo.

Quando um poeta escreve uma reflexão poética sobre uma foto, dá-se, de novo, outra metalinguagem: é a visão do poeta que tenta interpretar o momento mágico de outra interpretação, a do fotógrafo”.

PRESÉPIO VIVO

“Fotografar é colocar na mesma mira a cabeça, o olho e o coração”

Henri Cartier-Bresson

As festas de final de ano já terminaram, mas as imagens do Presépio Vivo de Ribeirão Preto persistem em minha mente.

É quase indescritível a sensação de ficar perto dos componentes desse presépio, evento com quase trinta anos de tradição, produzido e dirigido por Osmani Antonio de Oliveira, e que reúne anualmente milhares de pessoas na esplanada do Theatro Pedro II.

São mais de quarenta atores amadores no palco, e mais de oitenta vozes de diversos corais, lembrando as cenas que marcam mundialmente o Natal.

Em 2008, sob a regência do Maestro Sérgio Alberto de Oliveira, essa apresentação que compõe o calendário oficial de comemorações natalinas, permitiu-me capturar centenas de imagens, sentindo cheiro de feno, ouvindo o balir das ovelhas, sob as luzes celestiais de anjos, que do balcão do Theatro Pedro II, davam Glórias a Deus.

Na revista Carta na Escola, li um artigo que identifica o fotógrafo como a figura do caçador, por ser uma das principais capacidades que caracterizam o fotógrafo, aquela que o faz lançar ao mundo um olhar discriminatório, buscando flagrar e capturar um instante que, no decorrer da vida, esteja carregado de algum sentido.

E lá estava eu, num entardecer que antecedia o Natal, realizando uma coreografia particular, envolvida por uma certa solenidade de gestos que o momento exigia: paradas, hesitações, movimentos de escolha, tomadas de decisão, escolhas de enquadramentos, de pontos de vista, de proximidade e distância, de ângulos, de controles de branco, de abertura, de luz, de velocidade, enfim, todo um ritual que constitui o âmago do ato fotográfico.

E tudo isso porque, depois do clique, depois do gatilho, do corte ao vivo de uma fatia única e singular de espaço e tempo, não há mais como mudar o instante que se congelou para sempre: e, diante da beleza das imagens, nesse caso, nem houve vontade de mudar.

As imagens capturadas, continuam por longo tempo em nossas retinas, como espelhos retendo imagens: Boris Kossoy, em seu livro *Os Tempos da Fotografia – o Efêmero e o Perpétuo*, afirma que as fotos funcionam como espelhos nos quais as memórias são guardadas.

Para muitos pensadores , tirar fotos é escrever e preservar a história que é feita das grandezas de coisas miúdas, observadas fora do circuito da política e dos donos do poder: é o indivíduo comum tendo possibilidade de escrever a história sob seu ponto de vista.

E como Lê Goff afirmou que todo documento é monumento, então as imagens, que capturamos no presépio montado no centro da cidade, revelarão, no futuro, elementos que poucas crônicas ou narrativas poderão oferecer. Assim , como imagem/monumento , essas fotografias revelarão a imagem de si que o passado quis ver perenizada, sendo assim, um ícone, um símbolo, uma representação, objeto da semiótica.

QUERO SER FOTÓGRAFO: MAS SÓ SE FOR SOTEROPOLITANO

“O pau que nasce torto , não tem jeito morre torto ...”

Gordurinha

Confesso-me neo-fotógrafo, e sempre serei um aprendiz: um eterno aprendiz.

Mas confesso também que fiquei espantado com o potencial da fotografia baiana ao ver os resultados da XV Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em cores.

É simplesmente espantoso o poderio fotográfico soteropolitano.

Plagiando nosso presidente, posso dizer que nunca , na história das bienais, um fotoclube fez tanto pela fotografia nacional.

Organizaram, foram jurados, reuniram as fotografias, escolheram as melhores das melhores, e deram um banho no restante do país: 2264 pontos para o primeiro fotoclube classificado (Salvador Foto Clube) , tendo , em segundo lugar um fotoclube com 698 pontos — simplesmente mais que o triplo.

Das 17 menções honrosas , 7 honraram um único fotoclube : o Salvador Foto Clube.

Foram 42 aceitações (fotos a serem expostas) num total de 140: 30 % .

Quanto ao primeiro lugar, na classificação por autores, não poderia ser outro: As Baianas , do Salvador Foto Clube.

O total de pontos do 1º lugar equivaleu aproximadamente à soma de 18 outros fotoclubes (do 4º. ao 21º. lugar) : temos um São Paulo Futebol Clube na arte de Daguerre.

Viva a Bahia, viva Salvador, viva às baianas.

Agora não posso deixar de estender minhas homenagens ao segundo lugar: Candango Fotoclube , de Brasília.

Viva o Lula, viva Renan, viva Niemeyer , e viva os senhores jurados, todos ligados à Bahia, Estado que no momento , tendo em vista os resultados da referida bienal, se torna a capital da fotografia nacional.

Se o assunto fosse futebol eu diria que os baianos deram um banho: jogaram a bola para fora do campo, apitaram autorizando a cobrança, bateram o escanteio, entraram de

cabeça, fizeram o gol, levaram a bola para o meio de campo e deram o chute para reiniciar a partida: viva a Copa do Mundo de 2014.

O ocorrido é impressionante porque em Bienais anteriores a diferença entre primeiro e segundo colocados foi sempre muito próxima — vide site da Confederação de Fotografia no www.confoto.art.br.

A partir de 2007, nenhum fotoclube, sob o risco de ficar por fora do que é uma foto de bienal, poderá deixar de fazer uma excursão didático/fotográfica, até Salvador, com seus associados e diretoria, para aprenderem a capturar imagens na Meca da arte de se escrever com luz.

Quando a mim, que pretendia desenvolver um trabalho para alavancar um fotovideoclube, o Abertura, em Ribeirão Preto, desisti da ideia: com soteropolitanos ninguém pode.

E aqui vai um recado para uma Mestra da fotografia ribeirãopretana, Elza Rossato, que, infelizmente, não é baiana: nós conhecemos um pouco de fotografia pois nosso julgamento, na Bienal que organizamos, a XIV, em 2005, concluímos que o 1º lugar (pontuação por clubes, papel) deveria ser da Salvador Foto Clube (303 pontos) seguidos pelo pessoal de Londrina (276 pontos), ou seja, 27 pontos de diferença, e nosso presidente, João Rossato, bem nos representou ao fotografar um baiano em pleno nado. Cara amiga, nem tudo está perdido. Vamos continuar tirando nossos retratos nas tardes de sábado e nos sentirmos felizes com nossos trabalhos expostos nos Salões Internacionais, como o de Jaú, em 2007, por exemplo.

Salve a Bahia ioiô, salve a Bahia iaiá.

UMA CAIXA COM ARCO-ÍRIS

Sou romancista, e sinto inveja de Bruno, personagem de Thiago Lacerda na novela “Viver a Vida” : eu também gostaria de viver sem preocupações, rodando o mundo tirando fotos.

Pensei em equipamentos sofisticados, máquinas fotográficas de última geração, e em lápis de cor.

Um presente inesquecível que recebi, e não me lembro de quem, foi uma caixa de lápis de cor: muito provavelmente era produzido pela Johann Faber.

Ela, ao abrir-se ao meio, como se fora um livro, apresentava duas partes, com duas camadas cada uma, de doze lápis: 48 lápis, 48 cores, 48 mundos de beleza e nuances, de degrados, de opções para riscar o papel e criar.

Nem se pensava em existir o photoshop com suas “variations”: more green, yellow, cyan, red, blue, magenta e opções lighter e darker: o mundo, aliás, na minha infância de filho de comerciante, não era nada colorido.

Mas ganhei uma caixa de lápis de cor.

Com ela descobri que existiam diversos verdes, descobri que todas as cores poderiam ser claras ou escuras, descobri que o branco, reunião de todas as outras cores, não servia para nada, e que o preto, apesar de representar a ausência de cor, era o que mais forte deixava suas marcas na página branca e virgem à minha frente.

Aquela caixa era o início, em minha vida, de um pacto com a arte, com a cultura, com o estético, com o belo: era o meu arco-íris particular. Naquela caixa com longos cilindros coloridos, encontrei, pela primeira vez, a maneira de me expressar e de me comunicar com as pessoas por meio da arte, do desenho, num ritual inesquecível de aliança com o sublime, com o intocável, com o místico.

Descobri, depois, na escola, a decomposição da luz via prisma, em sete cores, e sua recomposição inicial num Disco de Newton, e senti que o mundo era feito de cores, apesar de todas as dificuldades e dissabores de uma adolescência pobre, convivendo com jovens abastados, advindos de famílias tradicionais da cidade, no Otoniel Mota.

E agora, componente que sou do Grupo Amigos da Fotografia, ganhei nova caixa de lápis de cor em forma de uma D70, da Nikon, e um programa de computador, o Photoshop: um arco-íris de milhões de cores, à disposição de quem desejar encontrar um pote de ouro ao utilizá-lo.

Desde o início de 2007, com minha caixa de lápis e programa eletrônicos, pintei Carnavais de Ribeirão Preto, pintei o prédio da colônia de férias do Sindicato dos Empregados

no Comércio do Estado de São Paulo, pintei cenas das areias da Praia Grande: e transformei tudo isso em exposições abertas ao público ribeirãopretano.

Mas, apesar de todo esse colorido atual em minha existência, chegando aos meus sessenta anos, sinto, às vezes, uma tendência muito forte para voltar ao preto e branco, às origens da fotografia, no século XIX, e às suas primeiras formas que se popularizaram: o daguerreótipo, porque a foto em PB é forte, dramática, rica em nuances e detalhes: é adoravelmente misteriosa e muito mais colorida do que se possa imaginar, tendo em vista que, nos tons de branco, leva todas as demais cores do espectro e, no preto, a ausência total delas.

UMA ESCOLHA QUE NÃO É DE SOFIA

Como vocês devem saber, a escolha de Sofia é a história de uma mãe judia no campo de concentração nazista de Auschwitz, que é forçada por um soldado alemão a escolher entre o filho e a filha - qual será executado e qual será poupado. Se ela se recusasse a escolher, os dois seriam mortos. Ela poupa o menino, que é mais forte e tem mais chances de sobreviver, porém nunca mais tem notícias dele.

A questão é tão terrível que o título se converteu em sinônimo de decisão quase impossível de ser tomada.

Não é o caso da escolha de uma foto que deverá ou não fazer parte de uma bienal ou salão nacional de arte fotográfica.

A escolha de uma foto, nesse caso, é simples: bateu escolheu, não bateu, exclui-se do salão ou bienal.

Foto é arte e, como tal, é questão de gosto, de falta ou excesso de conhecimento técnico, de muita ou pouca vivência da realidade humana, de muita ou pouca idade, de experiências vividas ou não.

Tanto é assim que, num mesmo corpo de jurados — todos competentes profissionais de Ribeirão Preto, valorizando assim pratos da casa — para uma determinada foto, um deu nota dez e outro, para a mesma foto, deu nota um: e não existe o certo e o errado.

E, sendo assim, para cada corpo de jurados, o resultado de um mesmo salão ou bienal de fotografia, quase com certeza, teria resultados diferentes.

Mas algo é muito importante: a lisura na escolha das fotos a serem premiadas.

E isso acaba de ocorrer no processo de escolha das melhores fotos, vindas de 30 fotoclubes, de 12 Estados do Brasil, e que poderão ser vistas na abertura do III Salão Nacional de Arte Fotográfica de Ribeirão Preto.

Cada um dos cinco jurados, de posse de um pequeno aparelho com dois botões, um vermelho e outro verde, escolheu ou eliminou foto a foto, mais de mil e duzentas delas, sem que o jurado ao seu lado soubesse de seu voto.

A seguir, numa mesa colocada fora do alcance dos olhares dos jurados, um dispositivo de apuração acendia luzes vermelhas, ou verdes, permitindo aos fiscais separarem, em uma bandeja, as fotos com um, dois, três, quatro ou cinco votos verdes.

Terminada essa fase da apuração, em que somente as fotos com três ou mais votos verdes foram selecionadas, passou-se à fase de aplicação de notas, de zero a dez, a cada uma dessas escolhidas, em planilha individual para cada jurado.

Depois todas as avaliações foram lançadas em planilha excel, tabuladas, e eis que surgem as vencedoras com nome do fotógrafo, seu fotoclube, e seu total de pontos , ou seja, soma das notas dos cinco jurados.

É assim que, no dia abertura do salão , quase duas dezenas de obras de arte serão vistas por milhares de pessoas, cada uma concordando ou não com as escolhas dos jurados, mas todas devendo saber que a escolha foi imparcial, limpa, honesta.

Para que não houvesse dúvidas — pois, como todos sabem, à mulher de César não basta ser honesta, tem de parecer honesta — os fotógrafos do Grupo Amigos da Fotografia, o qual organizou o evento, não puderam concorrer, mas mostrarão seus trabalhos em exposição paralela, nos mesmos dias e local do III Salão Nacional de Arte Fotografica de Ribeirão Preto.

WABI SABI E A FOTOGRAFIA

Quando comecei a fotografar, levado pelas mãos e olhares dos mestres Elza e João Rossato, senti que algo muito importante havia nascido em mim: eu estava aprendendo a ver, e não simplesmente olhar.

Nesse processo evolutivo, mesmo as coisas mais simples e, em geral, despercebidas da maioria dos seres humanos, passaram a ter algo cativante para mim, alguma coisa que, antes da fotografia, não estava ali simplesmente porque eu olhava, mas não via.

Agora, recentemente, passei a saber qual o presente que me deu a fotografia : descobrir o wabi sabi.

Wabi sabi é a expressão que os japoneses inventaram para definir a beleza que mora nas coisas imperfeitas e incompletas. O termo é quase que intraduzível : wabi sabi é um jeito de “ver” as coisas através de uma óptica de simplicidade, naturalidade e aceitação da realidade.

Contam que o conceito surgiu no século XV. Um jovem, Rikyu, queria aprender os complicados rituais da Cerimônia do Chá e procurou o grande mestre Takeno Joo. Para testar o rapaz o mestre mandou que ele varresse o jardim. Rikyu limpou o jardim até que não restasse nem uma folhinha fora do lugar.

Ao terminar, examinou cuidadosamente o jardim impecável, cada centímetro de areia imaculadamente varrido, cada pedra no lugar, todas as plantas ajeitadas. E, então, antes de apresentar o resultado ao mestre, Rikyu chacoalhou o tronco de uma cerejeira e fez caírem algumas flores que se espalharam displicentemente pelo jardim.

Mestre Joo, impressionado, admitiu o jovem no seu mosteiro. Rikyu tornou-se um grande Mestre do Chá e, desde então, é reverenciado como aquele que entendeu a essência do conceito de wabi sabi: a Arte da imperfeição.

Os mestres japoneses perceberam a beleza e elegância que existe em tudo que é tocado pelo carinho do tempo. Uma velha tigela de chá, musgo cobrindo as pedras do caminho, a toalha amarelada, uma única rosa solta no vaso, a maçaneta da porta nublada das mãos que a tocaram...

Enfim, fotografar, é descobrir que na natureza todas as coisas são impermanentes, imperfeitas, incompletas. Fotografar é ver a beleza escondida na feiura, a grandeza existente nos detalhes despercebidos. Fotografar é apreciar e registrar momentos da ordem cósmica, é focar no intrínseco, no irregular, no desprezioso, no turvo, no envelhecido, na simplicidade.

Fotografar é a divina Arte de Registrar as Imperfeições.

PREFÁCIO: O PASSADO MANDA LEMBRANÇA IV

Ultimamente tenho me divertido clicando as coisas que me rodeiam com a facilidade que me é permitida por um celular Galaxy J3 da Samsung.

Posso garantir que os fotógrafos, cujas fotos em branco e preto se encontram nesse quarto volume de O Passado Manda Lembrança, nem imaginavam poder, um dia, tirar uma foto, e ver o resultado sem antes manusear, em câmaras escuras, durante horas, películas fotográficas, produtos químicos e outros materiais disponíveis: registrar em fotos o dia a dia era tarefa para poucos.

Hoje todo mundo se considera fotógrafo a partir do momento em que tem em mãos uma máquina fotográfica.

Mas não é tão simples.

No caso de buscarmos clicar uma foto, tendo como base uma outra foto clicada décadas antes por outro fotógrafo, no mesmo lugar, sob o mesmo ângulo, mas com equipamento diferente, as coisas se complicam: é um enorme desafio.

Revisitar o passado clicando fotos como se estivéssemos no lugar do outro, é falar sobre a história em suas infinitas manifestações, é falar das ações e obras de grupos e indivíduos: é falar de luz, vida e amor em tempos diversos, é viajar no tempo.

Quando observamos um site ou revista sobre fotografias, notamos que o material capturado é, quase sempre, nosso antigo conhecido.

Mas o que torna, então, determinado fotógrafo ou fotografia mais interessante que outros?

Além das técnicas e equipamento utilizados...o olhar.

O olhar que encontra um detalhe interessante, o que invade a privacidade de coisas e pessoas, o que descobre e registra um fato inédito, o que vê por meio de um espelho d'água, o que revela ao mundo uma realidade local ou regional, o que agride desvendando rugas, o que, enfim, olha com os olhos do coração e da alma.

Fotografias são frutos de olhares, ou mesmo os próprios olhares e, como tal, agradem, agradam dão prazer, provocam, desafiam, alegam.

E, dentre essas múltiplas formas de olhares, surge neste trabalho do Grupo Amigos da Fotografia, o re-olhar, o olhar novamente pelo mesmo prisma, pelo mesmo ângulo, no mesmo lugar, com a mesma luz, mas em épocas diferentes.

E eis revelada a mágica que encanta e faz refletir : poder capturar a ação do tempo sobre as coisas e pessoas, ficar imaginando como e o que motivou os fotógrafos que registraram o antes e o depois, sentindo-se parte do processo da criação divina — se, não criando, pelo menos registrando — capturando imagens para libertá-las inexoravelmente,

acompanhadas de reflexões poéticas, para todos os leitores que amam e admiram a arte de Daguerre.

Foto é sempre uma espécie de metalinguagem artística, porque, se a vida é dinâmica, a foto capta um átimo de existência que se cristaliza em pixels por intermédio na visão do fotógrafo. Ele sempre fotografa o seu íntimo, a sua visão do mundo, o seu momento, a sua experiência de vida.

Logo, este O Passado Manda Lembrança é mais um momento mágico da história da fotografia ribeirãopretana.

FOTO ANALÓGICA: UMA ARTE EM EXTINÇÃO?

“Não fazemos uma foto apenas com uma câmara; ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos, as pessoas que amamos.”

Ansel Adams

Recentemente participei como jurado da escolha de fotos do V Salão Nacional de Arte Fotográfica Monocromática de Ribeirão Preto – abertura dia 6 de janeiro de 2018: um concurso que abriu espaço para fotógrafos que ainda utilizam fotos analógicas.

Mas, das 713 imagens inscritas — com participação de 20 estados (São Paulo, Bahia, Mato Grosso, Amazonas, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Acre, Alagoas, Minas Gerais, Ceará, Goiás, Paraíba, Amapá, Brasília, Sergipe, Tocantins e Maranhão) e 136 fotos selecionadas — apenas 6%, ou seja, 45 são analógicas.

Falar em fotografia analógica é hoje como falar em locomotiva Maria Fumaça, ferro de passar com uso de carvão, fogão a lenha, gramofone: é falar do passado da fotografia.

Mas o que é uma fotografia analógica?

Foi na década de noventa que o mundo conhecia os primeiros exemplares de fotografia digital no mercado. Mas foi somente a partir de 2000 que a tecnologia realmente dominou o mercado de fotografia. Hoje há pessoas que nem sabem o que é filme, fotografia de filme, ou seja, a tal fotografia analógica: a palavra analógica é empregada atualmente para descrever todo o processo que não é digital, ou seja, não se baseia em ditos (zeros e uns).

Hoje o filme está para o cartão de memória assim como o vinil está para o MP3.

Simplificando: a foto analógica é feita utilizando processos físicos e químicos. É aplicada em uma superfície uma emulsão sensível à luz, como por exemplo, grãos de haletos de prata, e quando expostos à luz, gravam os fótons: foto(luz)+grafia(escrita). Essas superfícies que podem ser placas ou películas, depois de expostas, precisam de agentes químicos para revelar e fixar as luzes e sombras. A partir daí você tem um negativo (ou slide, que é positivo) a partir do qual faz-se a cópia impressa em papel especial.

Então, da próxima vez que você ouvir os termos “eu fotografo com filme” ou “faço fotografia analógica” você já saberá que está falando com alguém que recupera processos artísticos que estão fora de moda ou, por um motivo ou outro, obsoletos.

Os mais jovens, que não tiveram contato com a fotografia analógica, podem pensar que esse hábito é apenas uma atividade saudosista e que as câmeras analógicas não substituem as digitais, mas o contato com os filmes e a fotografia completamente manual pode ser um grande aprendizado, até para os fotógrafos que trabalham com os equipamentos digitais.

Elza Rossato é uma dessas artistas especiais: ela ama voltar às raízes e ensinar essa arte em seus cursos de pinhole: a arte de fotografar com latinhas.

Por isso minha homenagens a esses últimos dos moicanos que participam desse V Salão: Javier – São Caetano do Sul , Lenian Francisco de Paula – Campo Grande, Alex Borja – Manaus, Gisele Sewark – São José do Rio Preto, Firmino Chagas – Rio Grande do Sul, José Luiz Pedro – São Paulo Capital, Marcelo Chiodo – Jaú, Paulo Finotti – Ribeirao Preto, Amarildo Correa – São Caetano do Sul, Norman Neumaier – Londrina, Getúlio Ribeiro-Nova Iguaçu, Rafael Simioni – Pouso Alegre, Anacleto Renó – Pouso Alegre e Elza Rossato – Ribeirão Preto.

ROD: HOMENAGEM PÓSTUMA AO MEU FOTÓGRAFO PREFERIDO.

“ As abelhas visitam as flores para coletar néctar e fazer o mel”

Hoje, 25 de agosto de 2018, Dia do Soldado, recebi um pôster com foto do meu filho, Rod Tórtoro, clicada no Quartel dos Bombeiros de Ribeirão Preto, anunciando o 2º. Salão de Arte Fotográfica “Rod Tórtoro”.
Vejo esse fato como uma homenagem ao Rod e aos bombeiros cujo trabalho meu Príncipe — como Elza Rossato gostava de chamá-lo — tanto admirava: queria ser um deles.

As abelhas visitam as flores para coletar o néctar e fazer mel...Rod, num determinado momento de sua vida, visitou uma colmeia para fazer e escrever sua história na fotografia ribeirãpretana.

Fotógrafos como Rod visitam a realidade para coletarem momentos que não ocorrerão mais: fazem fotografias.

Voam com amor, dedicação e profissionalismo quando a eles são dadas oportunidades, espaços e liberdade para escreverem com luz e com o coração. E criam uma colmeia histórica com os momentos que contam levando nas mãos e mochilas suas máquinas e lentes mágicas e fantásticas.

Em cada colmeia há uma abelha rainha: a da colmeia de Rod é Elza Fotografia Rossato, Presidente do Grupo Amigos da Fotografia.

Numa colmeia há também milhares de abelhas operárias e centenas de machos chamados zangões: na nossa colmeia existem dezenas de fotógrafos profissionais e amantes da fotografia: Rod sempre foi um zangão.

Em cada uma das colmeias as abelhas operárias dependendo da sua idade, limpam a colmeia, cuidam das larvas, produzem cera, constroem o favo, armazenam alimentos e protegem a colmeia: na colmeia GAF os aficionados pela arte de Daguerre fazem cursos, promovem salões e bienais de fotografia, criam exposições fotográficas, editam livros, cobrem eventos culturais e sociais, criam efeitos no photoshop, imprimem obras de arte: é muito trabalho.

Devido a tanto trabalho, as abelhas vivem de 1 a 4 meses, o GAF já viveu 18 anos: infelizmente Rod só viveu 36.

O GAF está comemorando a nossa maioridade com um livro virtual — e, quem sabe, impresso — de, é claro, fotografias: centenas de fotos, em forma de mosaicos, coletadas dos arquivos do GAF desde o ano de sua fundação, 2000, até 2018: um trabalho de peso, que exigiu fôlego, realizado por um grupo que ama o que faz, e o faz com sangue, suor e lágrimas: segundo Elza, a página mais importante desse livro será a dedicada...ao Rod.

Obrigado Elza, minha amiguirmã, por tanto carinho e atenção dedicada ao nosso Príncipe que, em breve, estará fotografando, com sua inseparável D90, em outra dimensão, ao lado do nosso inesquecível fotógrafo maior : João Rossato.

PREFÁCIO: O PASSADO MANDA LEMBRANÇA III

TODOS OS TONS

“Você já reparou como as fotos em preto-e-branco transmitem mais emoção? A falta de cor pode revelar outras coisas! “

Yuri Bittar – Designer, fotógrafo e historiador

A fotografia nasceu em preto e branco, ou preto sobre o branco, no início do século dezenove.

Todos os princípios da fotografia foram descobertos ou desenvolvidos antes do surgimento da fotografia colorida.

Desde as primeiras formas de fotografia que se popularizaram, como o daguerreótipo, aproximadamente na década de 1830, até os filmes PB atuais, houve muita evolução técnica e diminuição dos custos.

Costuma-se chamar preto e branco, ou branco e preto, ou PB, fotos que possuem apenas tons de cinza, variando do branco ao preto.

Os filmes atuais em PB tem grande gama de tonalidades, superior mesmo aos coloridos, resultando em foto muito ricas em detalhes.

Com o surgimento dos filmes coloridos, popularizados a partir da década de 1960, muito se falou no fim da fotografia preto-e-branco.

Mas nós sabemos que isso não aconteceu e, ainda hoje usa-se muito a fotografia PB porque, dentre outros fatores, a falta de cor torna a imagem registrada mais distante do nosso olhar (colorido), o que facilita a busca de um registro além da realidade, ou de uma outra realidade.

É a poesia fotográfica.

Também a fotografia em PB facilita a abstração das imagens, o que nos permite criar algo que não é um registro, mas, sim, algo novo por si mesmo, enfim, arte, permitindo-nos perceber melhor as formas, expressões e tonalidades, além de despertar o saudosismo.

Vejam que, no caso de fotos de casamento, quando desejamos fotos que realmente se diferenciem, que sejam artísticas, românticas e sensíveis, pensamos em fotos em PB, porque elas têm um clima mais atemporal, eterno.

A foto PB, por ser arte e poesia, permite licenças, pois cada pessoa pode ver outros fatores instigantes, afinal, Barthes diz que: “uma foto é sempre invisível: ela não é ela que vemos”.

E é isso o que buscam meus versos junto às fotos dessa obra: uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a praia e o mar
O vai e vem das ondas.

Entre o branco e o preto, os múltiplos tons de cinza são os mais importantes, assim como em diversas situações e experiências de nossa vidas, o mais importante foi o decorrer, o caminhar, os meios, e não os extremos.

Busco, unindo a palavra às imagens —nesse terceiro volume de “O Passado Manda Lembrança” — levar o leitor, a cada página admirada, a um mundo paralelo, que, aparentemente, nada tem a ver com as fotos vistas, mas que levam à mesma importante mensagem de Roland Barthes em seu livro A Câmara Clara: “ A própria foto não é em nada animada, mas ela me anima: é o que toda aventura produz”.

Seguem os poemas que acompanham as fotos:

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o amor e o ódio,

Os graus de amizade.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a guerra e a paz

Os nefastos desencontros

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o sol e a lua,

As notícias do dia.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o mar e o deserto,

As riquezas das florestas.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a planície e as montanhas,

As variáveis de planalto.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o choro e a gargalhada,

Os oásis de sorrisos.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o nascimento e a morte,

Os valores da vida.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a dor e o prazer,

Os níveis de um incômodo.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o sonho e a realidade,
Os temperos da esperança.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o belo e o feio,
As nuances do comum.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a manhã e a noite,
As luzes do meio-dia.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o acordar e o dormir,
Os níveis de sonolência.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o quente e o frio,

As variantes do morno.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o ligado e o desligado,

Os recursos do stand by.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o andar e o parar,

As posições do sentar-se.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre Deus e o homem,

As opções de fé.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a tarde e a manhã,

As sombras da noite.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a criança e o idoso,
Os exageros da juventude.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o botão e a flor,
Os místicos desabrochares.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o dormir e o acordar,
Os encantamentos dos sonhos.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre um homem e uma mulher,
A existência de amores.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a cruz e a espada,

As possibilidades de decisões.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o mole e o duro,

As formas de flexibilidade.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o ferro e o aço,

As técnicas de tratamento.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o gordo e o magro,

A indiferença do padrão.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a partida e a chegada,
As opções de caminho.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.

Entre o corpo e a alma,
As condições do espírito.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.

Entre um pai e mãe,
Os desafios da família.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a construção e a demolição,
A multifuncionalidade da obra.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o namoro e o casamento,
As promessas do noivado.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.

Entre a nascente e o mar,
A confluência dos rios.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o desejo e o ato,
Os momentos de carícias.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o calar e o falar,
Os instantes de reflexão.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o sim e o não,
As convulsões da dúvida..

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o casulo e a borboleta,
As potencialidades da lagarta.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o voar e o nadar,
As aventuras do caminhar.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a luz e as trevas,
Os mistérios da penumbra.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a vidraça e o espelho,
O translúcido das cortinas.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o bem e o mal,
As possibilidades do justo.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o sempre e o nunca

As esperanças do possível.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o ir e o ficar

As dúvidas da espera.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o acontecer ou não

As satisfações do quase.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o céu e a terra

As intercessões dos deuses.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o céu e o inferno

As estadas nos purgatórios.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a vitória e a derrota

As chances dos empates.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a modelo e o fotógrafo

As infinidades de câmeras.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a ideia e a foto

Os imponderáveis momentos do clique.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a pobreza e a riqueza

As satisfações do suficiente.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o tudo e o nada

Os sabores das partes.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o querer e o poder

As múltiplas oportunidades.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o réu e a vítima

A força dos fatos.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a direita e a esquerda

A sabedoria do centro.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o vertical e o horizontal

As infinitas inclinações.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a bonança e a tempestade

A paz da chuva fina.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o semear e o colher

As maneiras do cultivar.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o perfume e o fedor

A variedade dos odores.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o ser e não ser

A certeza do talvez.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o caçador e a caça

A probabilidade da arma.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a praia e o mar

O vai e vem das ondas.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a manjedoura e a cruz

As mensagens do Cristo.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o pescador e o peixe

A ameaça das redes.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o emissor e o receptor

O conteúdo da mensagens.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a lona e o picadeiro

A alegria do palhaço.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o discípulo e o conhecimento

A segurança do Mestre.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o carvão e a brasa

A energia do fogo.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o domingo e o sábado

As labutas semanais.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o vermelho e o verde
Os momentos de espera no semáforo.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o decolar e o pousar
As aventuras do voo.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre a cor clara e a escura
Os abundantes matizes.

Entre o branco e o preto,
Os tons de cinza.
Entre o primeiro e último
Os candidatos concorrentes.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a venda e a compra

As incansáveis negociações.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre os votos do réveillon e Natal

Um ano de dúvidas.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre o primeiro capítulo e o último

O enredo da novela.

Entre o branco e o preto,

Os tons de cinza.

Entre a popa e a proa

Os sonhos de um cruzeiro.

